

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS - CAMPUS SOROCABA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA, TURISMO E HUMANIDADES – DGTH
BACHARELADO EM TURISMO**

**TURISMO DE EVENTOS ESPORTIVOS COMO FORMA DE
INCLUSÃO DA COMUNIDADE LGBTQIA+**

ANA LAURA DAVOLI

TAIS CAROLINI RIBEIRO DA SILVA

Sorocaba – SP

2022

ANA LAURA DAVOLI
TAIS CAROLINI RIBEIRO DA SILVA

**TURISMO DE EVENTOS ESPORTIVOS COMO FORMA DE
INCLUSÃO DA COMUNIDADE LGBTQIA+**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para obtenção
do título de Bacharel em Turismo pela
Universidade Federal de São Carlos –
Campus Sorocaba.

Orientador: Prof. Dr. Cesar Alves Ferragi

Sorocaba – SP

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Cesar Alves Ferragi

Membro 1

Profa. Dra. Cassiana Panissa Gabrielli

Membro 2

Profa. Dra. Telma Darn

Davoli, Ana Laura

Turismo de eventos esportivos como forma de inclusão da comunidade LGBTQIA+ / Ana Laura Davoli, Tais Carolini Ribeiro da Silva -- 2022.
73f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba

Orientador (a): Cesar Alves Ferragi

Banca Examinadora: Cassiana Panissa Gabrielli, Telma Darn

Bibliografia

1. LGBTQIA+. 2. Turismo. 3. Inclusão . I. Davoli, Ana Laura. II. Silva, Tais Carolini Ribeiro da. III. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -
CRB/8 6979

DEDICATÓRIA

Dedicamos este trabalho a toda comunidade LGBTQIA+, que luta diariamente por seu espaço e liberdade de expressão; que sofre com ameaças e que tem suas vidas perdidas por meio do preconceito e da exclusão social. Estendemos a dedicatória a Paulo Vaz (Popó Vaz), homem trans, policial, influenciador e ativista, morto em março de 2022.

“É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito.” Albert Einstein.

AGRADECIMENTOS

TAIS

Primeiramente agradeço a Deus, por toda benção, proteção e força durante minha vida, em especial durante a graduação. Por possibilitar que eu possa buscar a concretização dos meus objetivos sem perder minha essência e fé. Agradeço também aos meus pais: Eunice e Donizetti, exemplos de vida, trabalho, determinação, coragem e honra, por me apoiarem em todos os sonhos com amor, e pelo contínuo incentivo à educação. Agradeço ao Douglas, meu namorado e companheiro de vida que sempre se coloca à disposição nos momentos em que mais preciso, sendo gentil, carinhoso e mostrando que sou capaz de chegar onde eu quiser. Os agradecimentos especiais ficam aos professores, responsáveis por nossa formação, pelo incentivo a educação, a curiosidade e por nos prepararem para sermos profissionais melhores e mais humanos. Obrigada Zare, por dividir conosco tanto conhecimento, por ser o professor que propõe coisas novas, que gosta de ouvir os alunos, que é cheio de energia e entusiasmo. Que é paciente, cordial, doce e com ótima memória, sempre se recordando das histórias e experiências que foram com ele compartilhadas. Agradeço imensamente aos amigos e familiares que foram pacientes no decorrer do curso, que aguardavam ansiosos todo meu retorno à cidade Natal, me recebendo com alegria e afeto; e sem dúvidas, agradeço como todo coração os laços de amizade criados na UFSCar, em especial aos amigos de turma e apartamento que hoje se tornaram amigos de vida. Deixo registrado também meu agradecimento a Ana Laura Davoli (Capivara), que desde a fila da matrícula até a conclusão deste TCC, tem sido minha companheira, minha amiga, confidente, parceira de gargalhadas e também de momentos difíceis. Que a vida eternize a amizade que a UFSCar nos trouxe.

ANA LAURA

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu forças para concluir este trabalho de uma forma satisfatória, por sempre me abençoar e iluminar meus caminhos e pela oportunidade de realizar minha graduação.

Agradeço também aos meus familiares, em especial a minha mãe Maria Rita, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando, em todos esses anos da graduação com muito amor, dedicação e carinho.

Agradeço em especial ao meu pai José Antônio e minha avó Maria Schincariol (in memoriam), que sempre me apoiaram e nunca perderam a fé nos meus sonhos.

Aos professores, pelas correções e ensinamentos que me permitiram apresentar um melhor desempenho do meu processo de formação profissional e pessoal ao longo da graduação.

Aos meus colegas de curso, com quem convivi intensamente durante muitos anos, pelo companheirismo e pela troca de experiências que me permitiram crescer.

Agradeço em especial a minha companheira deste TCC, Tais Carolini (Jequiti), que durante todos esses anos de graduação esteve ao meu lado, partilhando de momentos e cultivando lembranças.

Agradeço ao professor Zare, por ter sido meu orientador e ter desempenhado tal função com muita dedicação, paciência e amizade.

RESUMO

O presente trabalho levanta discussões acerca dos eventos esportivos LGBTQIA+, relacionando inclusão, diversidade e suas interfaces com o turismo. Explora-se a prática esportiva e suas intersecções com a expressão sexual e de gênero de corpos dissonantes da cisheteronormatividade, discorrendo sobre as vivências de pessoas LGBTQIA+ no âmbito esportivo. A metodologia aplicada baseia-se em levantamento bibliográfico e entrevistas em profundidade. A partir disso, levanta-se a importância da diversidade e inclusão de pessoas LGBTQIA+ na sociedade, nos esportes, no lazer e no turismo.

Palavras-chave: LGBTQIA+, Mega Eventos, Turismo, Inclusão, Diversidade.

ABSTRACT

The present work raises discussions about LGBTQIA+ sporting events, relating inclusion, diversity and their interfaces with tourism. It explores the practice of sports and its intersections with the sexual and gender expression of bodies dissonant from cisheteronormativity, discussing the experiences of LGBTQIA+ people in the sports field. The methodology applied is based on a bibliographic survey and in-depth interviews. From this, it raises the importance of diversity and inclusion of LGBTQIA+ people in society, sports, leisure and tourism.

Keywords: LGBTQIA+, Mega Events, Tourism, Inclusion, Diversity.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Site oficial LIGAY	46
FIGURA 2 - Página Oficial Facebook LIGAY	47
FIGURA 3 - Instagram Oficial LIGAY	47
FIGURA 4 - Instagram Oficial Alligaytors FC	49
FIGURA 5 - Instagram Oficial Beescatsbr	49
FIGURA 6 - Instagram oficial Unicornsbrasil	50
FIGURA 7 - Número total de atletas LGBTQIA+ presentes nas olimpíadas entre os anos de 2012 a 2021	51

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	10
2. OBJETIVOS	13
2.1. OBJETIVO GERAL	13
2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3. METODOLOGIA	13
4. REFERENCIAL TEÓRICO	15
4.1. TURISMO	15
4.1.1. Turismo de Eventos	18
4.2. ESPORTES	24
4.3. INCLUSÃO E DIVERSIDADE	28
4.3.1. O Movimento Homossexual	29
4.3.2. Nomenclatura LGBTQIA+	34
5. PRÁTICA ESPORTIVA LGBTQIA+	35
5.1. CAMPEONATOS DEPORTIVOS LGBTQIA+	44
5.1.1. Gay Games	45
5.1.2. LIGAY - LIGAY Nacional de Futebol	46
5.1.3. Representatividade LGBTQIA+: Olimpíadas de Tóquio 2020	50
5.1.4. Falta de Apoio e Patrocínio aos Times LGBTQIA+	52
6. ENTREVISTA COM JOSUÉ MACHADO, PRESIDENTE DA LIGAY	54
6.2. PESQUISAS BIOGRÁFICAS	54
6.2.1. Primeiro entrevistado	54
6.2.2. Segundo entrevistado	55
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
8. REFERÊNCIAS	58

1. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A LGBTfobia, ou seja, a violência contra a população LGBTQIA+ decorrente de ódio ou aversão à orientação sexual ou diversidade de gênero tem aumentado no Brasil ao longo dos anos (BRASIL, 2018). De acordo com o GGB (Grupo Gay da Bahia), o Brasil destaca-se como o país com o maior número de homicídios contra indivíduos LGBTQIA+ no mundo, tendo sido registradas 420 mortes decorrentes de homofobia em 2018, ou seja, um assassinato a cada 20 horas (MICHELS; MOTT, 2019; NEIVAS; BAPTISTA, 2022).

Considerando que cada experiência é única, esse estudo buscou discutir o quanto as questões ligadas à orientação sexual e de gênero impactam as vivências de pessoas LGBTQIA+ no âmbito esportivo. Todas as pessoas, sem exceção, têm acesso às mesmas oportunidades?

Segundo Lopes (2021, p.6), o Brasil apresenta altos índices de violência contra pessoas LGBTQIA+, o qual é ainda maior em relação às pessoas *trans*, culminando em uma população mais fragilizada, com baixa escolaridade e, por consequência, ingressando menos no mercado de trabalho.

O presente trabalho levanta discussões acerca dos eventos esportivos LGBTQIA+, no que tange a inclusão, a diversidade e suas interfaces com o turismo e explora a prática de diversas formas esportivas e suas intersecções com a expressão sexual e de gênero de corpos dissonantes da cisheteronormatividade. Para isso, é apresentado o conceito de interseccionalidade abordado por Crenshaw (2002), a partir da problematização da maneira com a qual as intersecções são analisadas pelas concepções tradicionais. A autora entende que interseccionalidade é a associação de múltiplos sistemas de subordinação.

“A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as possíveis relações de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.” (CRENSHAW, 2002, p. 177)

No livro *Interseccionalidade* de Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge, é relatada a utilização das categorias de gênero e raça nas relações interseccionais como forma de criar meios para o sucesso ou para a marginalização. No futebol, por exemplo, o poder disciplinador aparece quando “certos meninos ou meninas” são desestimulados ou vetados de jogar, enquanto outros recebem treinamento de primeira. Muitos são simplesmente informados de que são de sexo errado ou desprovidos de capacidade (COLLINS; BILGE, 2020).

Para embasamento deste estudo, é apresentado um escopo geral sobre o lazer, começando com Dumazedier (2000) que em seu artigo “Lazer Cultura Popular” tratou o lazer como um elemento central da cultura vivida por milhões de trabalhadores, onde há uma relação bem sutil e profunda com o trabalho, a família e a política, que é uma realidade fundamentalmente ambígua, múltipla e contraditória. Segundo o autor, o lazer é:

“(...) um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja pra repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entender-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.” (DUMAZEDIER, 2000, p. 34).

Já, pela Constituição de 1988, o lazer é um direito social, sendo tratado pelo Estado por meio de políticas públicas. O lazer possui relação direta com o trabalho, mas passa a ser também reconhecido como uma riqueza cultural que deve ser garantida a todos os cidadãos como premissa de qualidade de vida. (LOPES, 2009).

Em suma, o lazer é definido nos dias de hoje por oposição das necessidades e obrigações do dia a dia, qualquer que seja sua função, é inicialmente a de liberação e prazer. Os aspectos tempo e atitude não necessitam ser analisados isoladamente, deve-se considerar a combinação entre ambos na caracterização da vivência de lazer, onde o tempo significa o das não obrigações, das atividades desenvolvidas fora do ambiente do trabalho e das demais obrigações que envolvem o ser social. As atitudes são um tipo de relação verificada entre o sujeito e a experiência vivida, com ênfase no

entusiasmo causado pela atitude, ou seja, o modo como o indivíduo se relaciona com a atividade que precisa ser prazeroso (CONCEIÇÃO, 2013).

Contextualizando o lazer no objetivo deste estudo, foi explorada a vertente do esporte, uma vez que é qualificado como uma atividade de lazer, um fenômeno sociocultural e promissor de atividade física visando o equilíbrio da saúde, trazendo benefícios para o corpo e para a mente, além de contribuir para a formação, o desenvolvimento e a inclusão do indivíduo na sociedade. O esporte favorece a criação de laços entre as pessoas, propiciando o conhecimento e a aceitação entre elas. Assim, o esporte de lazer deve ser baseado em um processo de participação sem precedentes, sendo uma forma de conquista social e participação comunitária (ALMEIDA; GUTIERREZ, 2008).

No caso do esporte profissional, como o futebol, por exemplo, é muitas vezes utilizado como meio para a busca de ascensão social, sendo que a maioria dos meninos de origem pobre do nosso país sonha em se tornar jogador de futebol e, assim, mudar a situação social e econômica da família. Esses meninos se inspiram em ídolos famosos que também saíram da condição de pobreza para uma realidade de riqueza e glória (GIGLIO, 2007). O futebol é baseado em estruturas de masculinidade e de virilidade (JANUÁRIO, 2015). Em relação ao futebol praticado por mulheres, a designação “futebol feminino” pode ser considerada excludente, uma vez que há a necessidade da designação do gênero para representar as mulheres praticantes do esporte. Na luta a favor da igualdade de gênero no futebol e valorização do futebol feminino, destaca-se Marta, seis vezes nomeada pela Fifa como a melhor jogadora do mundo (JANUÁRIO, 2017).

Em relação à população LGBTQIA+ no Brasil, há casos de homens gays que sentem vontade de praticar esporte, em específico o futebol, porém têm pouca chance de treinar ou jogar devido a não se enquadrarem no estereótipo de masculinidade presente neste esporte. (MAIA *et al.*, 2010). A criação de competições esportivas específicas à população LGBTQIA+ aumenta a visibilidade dos valores e da capacidade técnica dessa comunidade. Além disso, contribuem para a formação coletiva de consciência política baseada nas subjetividades individuais e nas conjunturas sociais em que essa comunidade

está inserida. Quanto à questão econômica, esses eventos atraem turistas que movimentam a economia local e nacional (JESUS, 2018).

A importância desse trabalho não está apenas na visibilidade e conhecimento do tema, mas, sobretudo na forma de análise e discussão sobre os comportamentos, pré-conceitos e resistência da sociedade para com a comunidade LGBTQIA+, uma vez que serão abordados temas relacionados à inclusão, visibilidade e empoderamento.

2. OBJETIVOS

2.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do trabalho é realizar uma discussão sobre os eventos esportivos LGBTQIA+ no Brasil, tanto na forma de lazer como em eventos oficiais, e o impacto destes no campo de turismo.

2.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Descrever o histórico de eventos LGBTQIA+ no Brasil, utilizando como exemplo principal a Ligay (Liga Nacional Gay do Brasil) devido a sua importância junto a essa comunidade.
- Discutir as dificuldades de inserção da comunidade LGBTQIA+ na prática esportiva.

3. METODOLOGIA

De acordo com Lakatos e Marconi:

“(...) o método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.”
(LAKATOS; MARCONI, 2003, p.83).

A presente pesquisa pode ser caracterizada quanto à abordagem do problema como qualitativa e, quanto aos objetivos da pesquisa como descritiva. Descritiva porque o objetivo é analisar e levantar uma discussão teórica acerca

dos eventos esportivos LGBTQIA+ no Brasil, face às restrições que essa população enfrenta.

Em um primeiro momento, o trabalho descreveu a importância dos eventos esportivos LGBTQIA+ no Brasil, sendo feita pesquisa documental secundária para fins de contextualização, ou seja, diversas pesquisas foram utilizadas, dentre elas as pesquisas de Camargo (2009; 2011; 2014; 2018), que faz um recorte específico da participação da comunidade LGBTQIA+ no esporte.

Ademais, o trabalho descreveu o histórico dos eventos esportivos LGBTQIA+ no Brasil, e a partir de uma entrevista em profundidade descreveu um campeonato futebolístico brasileiro: a LIGAY - Liga Nacional Gay do Brasil, analisando os resultados desse e demais campeonatos para a comunidade LGBTQIA+. Para tanto, foi realizada uma entrevista virtual com Josué Junior Gomes Machado, atual presidente da Ligay.

Por fim, por meio de entrevistas, o presente trabalho trouxe a voz de dois homens *trans* que se expressam e afirmam suas identidades através do esporte, reconhecendo o conceito do espaço biográfico enquanto uma construção epistemo-política em abordagens metodológicas, conforme aponta Delory-Momberger (2012), autora que defende o indivíduo como ser singular e social, capaz de gerar conhecimentos a partir da singularidade de sua biografia.

“Não se pode tentar definir com precisão as orientações e as práticas metodológicas da pesquisa biográfica sem articulá-las ao que constitui o objeto próprio a essa corrente de pesquisa. Em outras palavras, antes de abordar as questões de método, é necessário, pelo menos de forma breve, lembrar o que constitui o projeto epistemológico específico da pesquisa biográfica e o que o diferencia, por exemplo, (mas não é um exemplo de todo inocente), da abordagem sociológica. Poderemos então tratar das questões de metodologia em dois níveis: 1) o da “coleta de materiais”, no caso e de forma bem peculiar, da “entrevista de pesquisa biográfica”; 2) o da análise dos materiais”, em outros termos, dos modelos de leitura e de interpretação dos documentos coletados. Como veremos, a dificuldade aponta, ao mesmo tempo, para um objetivo a ser perseguido na abordagem dessas questões e para a adequação, a congruência entre as práticas metodológicas e o projeto específico da pesquisa biográfica. “É, portanto, esse último que se faz agora necessário lembrar” (DELORY-MONBERGER, 2012, p.523).

Portanto, com a finalidade de reconhecer e dar voz às experiências e vivências dos atletas LGBTQIA+ a partir de suas próprias palavras, foram

utilizadas narrativas biográficas e suas intersecções com práticas esportivas. Foram realizadas duas pesquisas biográficas para o reconhecimento da relação singular do indivíduo em seu espaço biográfico com o mundo histórico e social do esporte. Assim, este trabalho explorou as intersecções entre indivíduos e sociedade e as manifestações que emergem do encontro de cada ser social e singular inserido em um contexto mais amplo e plural.

Assim, quais os significados reais, imaginários e simbólicos das práticas esportivas por pessoas da comunidade LGBTQIA+? O que essas vozes contam a respeito do direito de vivenciar o lazer? Em que medida corpos e sexualidades dissonantes podem *ocupar* esses espaços do esporte? Questões relacionadas à representatividade e interseccionalidade parecem indicar caminhos para melhor compreender tais questões.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

4.1. TURISMO

Desde que se tem notícia da presença humana sobre a face da Terra, as pessoas têm viajado pelos mais diferentes motivos: naturais (vitimado por secas e inundações); econômicos (movido pela fome ou com vistas à troca de mercadorias); políticos (estabelecimento de novas fronteiras, guerras); religiosos (cruzadas, peregrinações, perseguições religiosas); culturais (*Grand Tour* - viagem de aristocratas ingleses à Itália, França, Grécia e outros países da Europa, com o intuito de conhecer o legado histórico-artístico desses países). (BARBOSA, 2005; ABAD, 2006).

“[...] turismo não é uma mera viagem, mas é o encontro de culturas, de visões de mundo. Pessoas que se relacionam, em cenários distintos dos seus habituais, e que estão dispostas a experimentar o “novo” e deixar-se encontrar com uma paisagem insólita, uma comida exótica, um costume diferente, apesar de suas hesitações, eventuais medos e preconceitos.” (ASTORINO, 2013, p. 34)

A Organização Mundial de Turismo apresenta o conceito de turismo adotado oficialmente pelo Brasil: a realização de viagens e/ou deslocamento para locais diversos a sua residência, seja a lazer, passeio, negócios, religião ou

outra atividade por período de tempo consecutivo inferior a um ano e no mínimo 24 horas e inferior a 60 dias motivado por razões não-econômicas. Dessa forma, pode-se definir o turismo como a locomoção de indivíduos do seu local de residência para outros destinos, por tempo determinado e não motivado por circunstâncias de desempenho profissional contínuo (WORLD TOURISM ORGANIZATION, 2022).

O turismo é um dos segmentos mais importantes para a economia do país (WTTC, 2019), destaca-se por seus ótimos efeitos econômicos, como a geração de emprego e renda, capacitação profissional, desenvolvimento, negócios, eventos, entre outros aspectos (TADINI, 2010).

A Organização Mundial do Turismo e Centro de Pesquisa de Economia do Turismo (2019) (WTTC - *World Travel & Tourism Council* em inglês) realizou em 2019 um estudo que evidenciou os benefícios do setor para a economia, bem como a geração de empregos no Brasil. A pesquisa, elaborada pela consultoria britânica *Oxford Economics*, revelou que a contribuição ao Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 3,1% em 2018, totalizando 152,5 bilhões de dólares, resultando em 8,1%. No ano anterior, em 2017, o turismo foi responsável por 7,9% das riquezas nacionais. Já, com vistas ao número de vagas de trabalho, o estudo apontou que o mercado empregou 6,9 milhões de pessoas, o equivalente a 7,5% do número global de vagas no país.

O Setor de turismo no Brasil cresceu 12% em 2020, mesmo sendo um dos setores mais impactados pela crise sanitária da Covid-19. Sendo assim, o Brasil fechou o ano de 2021 com um faturamento de R\$ 152,4 bilhões. Apesar de esses números serem inferiores aos números antes da Covid-19, ainda representam um aumento considerável (Ministério do Turismo, 2020).

O turismo pode ser analisado utilizando-se diferentes visões. Por um lado, o turismo é o que os turistas fazem ao viajarem por lazer. Neste caso, o turismo é um ato praticado pelo turista que segue motivações diferentes, de acordo com seu ponto de vista, sua vida cotidiana, seu tipo de trabalho, seu nível de escolaridade, seu *status* social, sua visão de mundo e, finalmente, sua cultura. Essas motivações determinam o tipo de produto turístico o turista escolherá, que tipo de turista ele se tornará e seu comportamento no destino turístico. Por outro

lado, o turismo pode ser considerado uma atividade que resulta da interação dos turistas com um conjunto de prestadores de serviços diretos e indiretos que permitem a estes visitantes atingirem seus objetivos. Este segundo aspecto é chamado de "negócio turístico" e faz parte do chamado "trade turístico". (BARRETO; BURGO; FRENKEL, 2003).

Segundo Gloria Guevara, presidente do *World Travel & Tourism Council* (WTTC), o turismo tem papel transformador, pois:

“Pelo oitavo ano consecutivo, nosso setor superou a expansão da economia global, e registramos o segundo maior crescimento de qualquer setor do mundo. As cifras mostram o poder da nossa indústria como ferramenta para que os governos gerem prosperidade”. (Ministério do Turismo, 2019).

Segundo Antônio Guterres, secretário geral da Organização das Nações Unidas (ONU), o setor do turismo pode fornecer empregos, ajudando a construir economias e sociedades resilientes, sustentáveis, com igualdade de gênero e inclusivas (UNIC RIO DE JANEIRO, 2020).

O turismo é um fenômeno, afinal, relaciona-se com outras atividades e áreas de conhecimento, como a sociocultural, econômica e política. Zanette (2010) caracterizou 20 subáreas para o turismo quando desenvolveu uma tese intitulada “O Patrimônio Turístico” junto ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo na elaboração do *Thesaurus du Tourisme et des Loisirs*, publicado pela Organização Mundial de turismo, são elas: 1. Esportes; 2. Legislação Turística; 3. Ecologia do Turismo; 4. Economia do Turismo; 5. Instalações Turísticas; 6. Fluxos Turísticos; 7. Treinamento e emprego; 8. Acomodação; 9. Atividades de Lazer; 10. Eventos Turísticos; 11. Patrimônio Turístico; 12. Política de Turismo; 13. Serviços Turísticos; 14. Profissionais de Turismo; 15. Promoção Turística; 16. Ciência e Informação; 17. Sociologia do Lazer; 18. Setores do Turismo; 19. Transporte e 20. Países e Agrupamentos de Países.

Para Panosso Netto (2005, p. 45):

“O campo dos estudos em turismo é extremamente abrangente e carece de pesquisas que analisem o turismo não apenas como um fato gerador de renda, mas também como um fenômeno que envolve inúmeras facetas do existir humano.”

O conceito de Turismo pode ainda ser estudado por diversas perspectivas e disciplinas, afinal, a complexidade das relações entre os elementos que o permeiam possibilita que novos debates sejam criados até que se chegue a um consenso que defina o setor.

Uma “atração turística” é o que move os turistas para viajarem a um destino turístico, ou seja, é a expectativa de ver ou fazer algo. A atração turística é a responsável pelo real motivo dos viajantes se deslocarem de sua localidade para um determinado destino. Os demais elementos como equipamentos, hotéis e restaurantes, apenas facilitam o deslocamento e permanência. Sendo assim, pode-se dizer que uma atração pode ser constituída pelo local ou evento que o turista quer conhecer, visitar ou testemunhar, podendo esta ser de natureza natural ou cultural (MORILLO; MARYSELA, 2018).

4.1.1. Turismo de Eventos

As pesquisas sobre o papel dos eventos no turismo começaram com Donald Getz na década de 1980 e, para o autor, os eventos são um importante impulsionador do turismo, tendo destaque nos planos de desenvolvimento e *marketing* da maioria dos destinos. Os eventos planejados aparecem como um fenômeno espaço-temporal, onde cada evento é único devido às interações entre os atores e o sistema de gerenciamento de eventos (GETZ, 2008).

Em 1990, Getz falou em um evento especial pela primeira vez. Estes eventos são diferentes do ponto de vista do organizador e do público, tendo, assim, duas definições. Para os organizadores, “eventos especiais são aqueles que ocorrem uma vez ou com pouca frequência fora dos programas e atividades normais da instituição patrocinadora ou organizadora”. Para o público, “um evento especial é uma oportunidade para uma experiência de lazer, social ou

cultural que vai além das escolhas normais ou além da experiência cotidiana" (GETZ, 1991).

Thomas Cook foi um dos precursores do turismo de eventos, negócios e feiras no mundo, iniciando também o contexto de pacote turístico, fundando a primeira empresa de turismo. Thomas Cook foi um inglês que pertenceu a uma organização de abastêmos batistas que sempre realizavam reuniões com membros de diversos povoados. Em uma dessas viagens de Thomas, ele percebeu que a ferrovia por onde andava transportava poucos passageiros, propondo, então, ao dono da ferrovia que abaixasse a tarifa e que em troca ele colocaria 500 passageiros em seus trens. Foi então que Thomas levou 500 pessoas para viajar com a finalidade de participar de um evento (SANTOS, 2010).

O turismo de eventos pode ser utilizado como instrumento de apoio ao desenvolvimento de uma região e é capaz de revitalizar a cultura de uma cidade, estado ou país, influenciando positivamente a imagem de um destino turístico, criando oportunidades de viagens, captando visitantes, gerando emprego e renda e movimentando a economia. Os eventos, portanto, devem ser considerados como atividades econômica e social que geram uma série de benefícios para as comunidades promotoras, para os empreendedores e para o comércio, como afirmaram Britto e Fontes (2002).

Melo (1998) afirmou que para um evento ter características de um produto, pode e deve ser inovador, satisfazendo as necessidades do público, criando e superando expectativas. Além de ser acessível a um grande número de pessoas deve possuir um nome de fácil memorização e ter forte apelo promocional.

Em termos econômicos, os eventos são considerados catalisadores, uma vez que são capazes de atrair visitantes, aumentando o seu período de permanência nos destinos, bem como o seu gasto médio. Os eventos proporcionam o desenvolvimento de infraestruturas, promovem o local como destino turístico, propiciando às comunidades anfitriãs a oportunidade de apresentarem as suas qualidades, receber potenciais investidores e promover novas oportunidades de negócio (MARUJO, 2014).

Os eventos são parte significativa da composição do produto turístico e atendem profundamente as exigências do mercado no que tange ao entretenimento, o lazer, o conhecimento, o descanso, entre outras motivações, como afirmado por Andrade (2002). Para a OMT (2003), o mercado de eventos se tornou um segmento altamente especializado e relevante para o setor turístico. Em muitas sociedades, o turismo de eventos é uma tendência promissora que gera movimento econômico e social para o lugar onde se insere.

Há vários estudos sobre os impactos socioculturais que o turismo pode provocar na sociedade, os quais se caracterizam por três dimensões, conforme estudos de Fredline (2003): I) O turista: os turistas que frequentam eventos e interagem com a comunidade local; II) O anfitrião: a comunidade é responsável por fornecer serviços aos turistas e ambientá-los aos lugares e espaços visitados; III) As inter-relações turista-anfitrião, sendo que durante os eventos a interação entre turistas e anfitriões é intensa, desde o intercâmbio de diferentes experiências culturais até a construção de novas relações.

Além dos impactos já mencionados, Cohen (2001) e Pearce (2002) também sistematizaram os impactos socioculturais advindos do turismo, destacando dez categorias: 1) o envolvimento da comunidade num sistema vasto; 2) a natureza interpessoal das relações; 3) as bases da organização social (tipo de família, transformação de uma população rural em urbana, composição sexual, etc.); 4) o ritmo de vida social; 5) a migração; 6) a divisão do trabalho e o tipo de ocupação (aumento da procura de força de trabalho feminina); 7) a estratificação (laboral e social); 8) a distribuição do poder; 9) o desvio dos costumes; 10) a arte.

Realizado em 2013, pela Associação Brasileira de Empreendedores (ABEOC), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e Universidade Federal Fluminense, o estudo intitulado “Dimensionamento Econômico da Indústria de Eventos no Brasil” revelou que o setor cresceu de 2000 a 2012 aproximadamente 14% ao ano, aumentando a sua participação no PIB do País de 3,1%, em 2001, para 4,32%, em 2013. Os principais dados desse estudo apontaram o envolvimento de 60 mil empresas em toda a cadeia de serviços; 1 milhão e 893 mil empregos diretos e

terceirizados; R\$ 209,2 bilhões de faturamento; R\$ 48 bilhões em impostos; 590 mil eventos realizados e 203 milhões de participantes nos eventos.

Durante a pandemia de Covid-19, o setor de turismo de eventos foi muito prejudicado, uma vez que as medidas de isolamento social para a contenção do novo vírus chegaram a alcançar 97% desse setor em 2020. De acordo com o presidente da Abrape (Associação Brasileira dos Promotores de Eventos), Doreni Caramori Júnior, foram cancelados cerca de 350 mil eventos, o que fez com que esse setor deixasse de ganhar, pelo menos, R\$ 90 bilhões. Em 2021, mais de 530 mil eventos cancelados, levando o setor a deixar de ganhar, pelo menos, R\$ 140 bilhões, além da demissão de cerca de 450 mil pessoas. Para minimizar os prejuízos do setor, foram utilizadas alternativas, como os eventos online, os quais são baseados em tecnologia; os *eventos híbridos*, envolvendo tanto as atividades *online* como presenciais e os eventos presenciais que evidenciam um novo protocolo de segurança sanitária e comportamento social (PEDUZZI, 2021; RÉGO, BARROS, LANZARINI, 2021).

A classificação dos eventos é realizada, entre outras categorias, de acordo com a abrangência, o porte, o perfil dos participantes ou período de realização. A classificação depende do formato de análise do evento, podendo apresentar outras classificações .

No geral, os eventos podem ser assim classificados:

- Privados: são aqueles que englobam a vida pessoal dos organizadores, tais como casamentos, aniversários, batizados, entre outros.
- Públicos: são os que englobam a vida social de uma comunidade, tais como debates, carnaval de rua, comícios, entre outros.
- Empresariais: são os que englobam as realizações de empresas, tais como as convenções, feiras, entre outros.
- Técnico–científico: são aqueles com caráter de estudo, deixando contribuição no campo do saber de determinado assunto, tais como seminários, congressos, jornadas, entre outros.
- Sociais: são aqueles que beneficiam o desenvolvimento social, beneficentes ou não, tais como coquetéis, leilões, desfiles, entre outros.

Quando se consideram as várias formas de classificação, os eventos podem ser dispostos em relação às áreas de interesse, o que contribui para que os organizadores consigam captar e definir corretamente o público alvo, real e potencial. Assim sendo, a classificação por área de interesse é dada da seguinte forma (OLIVEIRA, 2014):

- Artística: está relacionada a qualquer espécie de arte, como música, dança, pintura, poesia, literatura, teatro, entre outras;
- Científica: trata de assuntos científicos nos campos da medicina, física, química, biologia, informática e outros em que a tônica é a pesquisa científica;
- Cultural: ressalta os aspectos da cultura, objetivando sua divulgação e reconhecimento, com fins normalmente promocionais, a exemplo das feiras de artesanatos, festivais de gastronomia regional, dança folclórica, música regional, entre outros. Engloba todas as manifestações culturais, regionais e folclóricas, nacionais ou internacionais, abordando lendas, tradições, costumes típicos, hábitos e tendências;
- Educativas: engloba a divulgação de didáticas avançadas, cursos e novidades correlatas à educação;
- Cívica: trata de assuntos ligados à Pátria e à sua história;
- Política: são os eventos relacionais com assuntos das esferas políticas, sejam de partidos políticos, associações de classe, entidades sindicais ou outros;
- Governamental: trata de realizações do governo, em qualquer esfera, nível e instância;
- Empresarial: enfoca as pesquisas, resultados e realizações das organizações e seus associados;
- Lazer: objetiva proporcionar entretenimento aos seus participantes;
- Social: são os eventos de interesse comum da sociedade como um todo, realizações familiares ou de grupos de interesses entre amigos, visando à confraternização entre as pessoas ou comemorações específicas;
- Desportiva: qualquer tipo de evento realizado dentro do universo do esporte, independentemente de sua modalidade;

- Religiosa: Referente a interesses, assuntos e confraternizações religiosas, independente das crenças abordadas;
- Beneficente: bastante comum e refere-se a programas e ações sociais que são divulgados e/ou auxiliados em acontecimentos públicos;
- Turística: seu objetivo é a divulgação e promoção de produtos e serviços turísticos com a finalidade de incrementar o turismo local, regional, estadual e nacional. Vem sendo utilizado com maior frequência para incrementar o turismo de baixa estação e garantir a manutenção da oferta turística em determinada região. Costuma ser inserido em calendários oficiais de eventos do município, estado ou país.

A relação entre o turismo e o esporte vem ganhando destaque nos últimos anos devido ao grande número de participantes e espectadores nos eventos esportivos, o que contribui de forma significativa com o turismo. O turismo esportivo pode ser considerado como um deslocamento realizado por razões recreativas (não comerciais) para participar ou observar atividades esportivas fora de seu lugar de residência. Há dois tipos de turismo esportivo: o turismo esportivo ativo, onde o turista viaja para participar de algum esporte, por lazer ou treinamento, sem, necessariamente, ter a intenção de competir. Já, no turismo esportivo, os turistas viajam para determinada localidade com o objetivo de assistir ao esporte. Sendo assim, pode-se afirmar que o turismo de eventos esportivos é muito benéfico para a cidade/país anfitrião. Além da implantação de novas infraestruturas turísticas e esportivas como alojamentos, estádios, restaurantes e todas as estruturas e demais equipamentos utilizados, o evento impulsiona a economia local devido a presença de turistas (LIMA; PADILHA, 2018).

Panrotas (2018) apontou que durante a Copa do Mundo da Rússia houve um aumento de 1,4% no número de visitantes ao país, diretamente ligados ao evento, com Moscou e São Petersburgo sendo as cidades mais visitadas. No total, desde a divulgação da Copa da Rússia em 2018 até o início da próxima Copa no Qatar, em novembro de 2022, estima-se que o número de turistas na Rússia alcance 37,5 milhões de pessoas, o que equivale a um aumento de 4% ao ano.

Os jogos olímpicos, pan-americanos, mundiais e as copas do mundo tornaram-se megaeventos esportivos (RUBIO, 2007), os quais impactam as sociedades por onde passam e prendem a atenção do mundo, cujas nações mobilizam-se para assistir atletas realizando feitos inacreditáveis, superando os limites do corpo e da mente humana e emocionando todos ao seu redor. Esses eventos geram impacto, atraindo turistas e divulgando os destinos, sua história e seus equipamentos.

Em relação ainda aos eventos na área desportiva, um Fórum de Turismo foi criado em 2017 no Brasil para a capacitação da *trade* de turismo sobre as demandas dos turistas LGBTQ+, sendo considerado um dos eventos B2B mais importantes do turismo brasileiro ligado ao tema LGBTQIA+. A Revista *ViaG* foi a realizadora desse Fórum, com apoio institucional da Associação Internacional de Turismo LGBTQ (IGLTA). Esse evento em 2020, devido à pandemia da Covid-19, foi realizado 100% digital. Já, em 2021, foi realizado no formato híbrido, contando com uma plateia com capacidade de até 150 pessoas e transmissão *online* (*Youtube*) do *Brasilturis* Jornal. Nessa edição, um dos temas abordados foi “Turismo esportivo para viajantes LGBTQIA+”, o qual foi sugerido devido o número crescente de competições na área esportiva realizadas exclusivamente para atletas pertencentes a essa comunidade e também pelo aumento do número dos seus membros no ambiente esportivo (BRASILTURIS, 2021).

A área do turismo esportivo para a comunidade LGBTQIA+ representa uma importante demanda para o setor de turismo, porém pouca explorada, uma vez que os times e atletas ainda se organizam de maneira independente em suas viagens para competições.

4.2. ESPORTES

O esporte é umas das práticas do exercício físico e pode ser representado tanto por jogos de competições como de lazer entre as pessoas. É estabelecido por regras e praticado em nossa cultura por pessoas com perfis de idade e gênero variados (GONZALEZ; PEDROSO, 2012).

De acordo com Devide (2005), o esporte deve ser visto como um contexto importante para a humanização do ser humano:

O mundo esportivo é uma arena importante para a socialização de crianças e adolescentes em relação aos valores da prática física, valores estes que precisam ser modificados e soltos das amarras estereotipadas dos papéis sexuais, que atribuem características masculinas ou femininas a determinados esportes e atividades físicas, delimitando, de antemão, os espaços destinados aos meninos e meninas que ingressam aos milhares, todos os dias, nos clubes, centros de treinamento, academias e demais espaços para a prática de atividades físicas e esportivas (2005, p. 64).

As competições esportivas, em especial o futebol, são como uma paixão coletiva, orgulho da nação, gerando sentimentos de amor em escala planetária em milhões de torcedores e fãs e ainda movimentando bilhões de dólares em produtos e serviços que fazem a economia girar (ROTTMANN, 2021).

O Atlas do Esporte no Brasil (DACOSTA, 2004) realizou uma pesquisa classificando os cinco esportes mais praticados no país e, o futebol obteve o primeiro lugar, sendo estimado que 30,5 milhões de brasileiros praticam essa modalidade de esporte. No segundo lugar ficou o vôlei, com 15,3 milhões de praticantes; em terceiro o tênis de mesa, com 12 milhões de pessoas; em seguida a natação, com cerca de 11 milhões e, por fim, o futsal, com 10,7 milhões de praticantes.

O futebol, sem dúvida, é muito importante para entender a sociedade brasileira. A mobilização motivada por esse esporte estabelece relações sociais democratizantes, uma vez que reúne pessoas de origens diversas em torno de um assunto sobre o qual todos opinam de forma legítima. O futebol tem papel na construção de uma identidade nacional, se opõe à diversidade individual e influencia o processo de construção do corpo e da cultura masculina (GUEDES, 1998).

Já, no futebol feminino, a movimentação é mais recente, visto que a expansão mundial desse esporte ganhou destaque a partir da década de 1980. (FRANZINI, 2005).

DACOSTA (2005) afirmou que o número de mulheres brasileiras que hoje praticam futebol em clubes e área de lazer aumentou bastante quando comparado às décadas anteriores, bem como as significativas conquistas da

seleção feminina que, desde o final dos anos 90, vem marcando sua história em eventos de grande projeção internacional.

Em 2022, um canal de TV brasileiro apresentou pela primeira vez uma mulher narrando um jogo de futebol. A narradora Renata Silveira foi a primeira a comandar a transmissão de um jogo de futebol masculino na TV: Ceilândia x Botafogo, às 21h30 (de Brasília), pela terceira fase da Copa do Brasil. A jornalista é carioca, 32 anos e a primeira mulher a conquistar esta posição em um território historicamente dominado por homens, quebrando mais um tabu (GLOBO, 2022). A entrada de mulheres no universo masculino é considerada uma transgressão, com as discussões indo muito além do esporte, tendo relação com o sociocultural, o corpo erotizado, a graciosidade, a beleza e a sensualidade (GOELLNER, 2005).

O ambiente familiar, em geral, é o primeiro a contribuir na formação de novos atletas, seja motivado por familiares que fazem ou fizeram parte do mundo esportivo ou ainda pelo amor manifestado ao esporte. O bom desenvolvimento de um atleta se deve, muitas vezes, ao encorajamento e ao apoio psicológico da família durante a carreira. Entretanto, quando há preconceito e falta de apoio dentro da própria casa, o atleta está sujeito a embates e pressões psicológicas, em especial quando esse preconceito parte da homofobia, por exemplo. (VILANI; SAMUSLKI, 2002)

Em uma reportagem do Jornal O Dia, publicada em 1997, a filha caçula de um dos mitos do futebol brasileiro, Garrincha, relatou os vários esforços que fez na época (60 anos atrás) para convencer a mãe a aceitar sua participação como atleta no universo do futebol: “Ela só quer que eu arrume um namorado. Tem medo que pensem que eu sou sapatão” (SILVA, et al, 1998, p.113)

Exemplos como este mostram o estigma atribuído às jogadoras pela sociedade. No ambiente familiar a sensação de vergonha dos pais é decorrente do que os outros vão pensar de seu filho ou filha e acaba indo além da prática do esporte em si.

“Enquanto a sociedade estiver pautada na masculinização do corpo da mulher que “joga bola”, a família terá dificuldade para abandonar o

medo dos “perigos” presentes nesses esportes, como por exemplo, a homossexualidade.” (OLIVEIRA, 2008, p. 32)

Segundo Sanches e Rubio (2011 p. 827), muito se têm discutido na atualidade sobre o potencial educativo do esporte e seus benefícios para o desenvolvimento físico, social e afetivo dos participantes. Porém, a inserção do esporte na vida de um indivíduo pode ir além do senso comum de que o esporte tira a criança da rua, ajudando a fazer novas amizades, uma vez que beneficia seus praticantes em inúmeros e variados campos da vida.

“Aqueles que se aventuram ou já se aventuraram por esse universo têm ou tiveram a oportunidade de perceber quanto a atividade esportiva pode ser cruel e excludente, sendo muitas vezes extremamente exigente e competitiva. Porém, seguramente também puderam conhecer o lado fascinante e apaixonante dessa prática. É por isso que o esporte pode ser considerado, nos dias atuais, como um dos fenômenos sociais de maior impacto em todo o mundo, fazendo com que indivíduos e nações compitam uns contra os outros, ao mesmo tempo em que une pessoas de uma forma como poucas outras atividades conseguem realizar.” (SANCHES, RUBIO, 2011, p. 827)

Empresas públicas como a Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e Petrobrás investem no potencial do esporte para o desenvolvimento social por meio de projetos esportivos que visam a projeção das crianças para o futuro. Entre as modalidades estão atletismo, natação, boxe, taekwondo e vôlei, todas modalidades olímpicas, ou seja, visando à competição. (SILVA, PONTES, 2013)

O termo “esporte moderno”, cuja origem é de 1986 foi criado com a finalidade de distingui-lo do esporte antigo (BRUNO BOTTI ESTEVES, 2014; MARTINS; ALTMANN, 2007), é caracterizado por seu secularismo e oferece igualdade de oportunidades, lida com regras, organização burocrática e aspectos quantitativos, como a busca de recordes e de medalhas, preferencialmente as olímpicas. O esporte moderno reflete as mudanças sociais, sendo, portanto, um espelho que reflete praticamente tudo o que se passa na sociedade, tendo como exemplo as manifestações e atos durante partidas de jogos e campeonatos (ESPORTE, POLÍTICA E SOCIEDADE, 2004). O esporte

é, foi e sempre será um meio de inclusão e um modo de enfrentamento contra os variados preconceitos existentes na sociedade (GUTERRES, 2021).

4.3. INCLUSÃO E DIVERSIDADE

Inclusão e diversidade são temas amplamente discutidos na academia, entretanto, apresentam nuances e abordagens distintas. Reconhecem-se as dificuldades da definição pouco exata do conceito de inclusão reportada na literatura, originando a tomada de medidas vistas como avulsas e circunstanciais na educação (FREIRE, 2008). Diversidade e inclusão são temas debatidos em múltiplos campos, incluindo práticas voltadas à diversidade e inclusão no ambiente de trabalho (SILVA et. AL, 2020), gestão pública (MACCALI et AL, 2015) e na área da saúde (KANG; KAPLAN, 2019) ou referente às pessoas com deficiência (BATISTA, 2004). Um olhar sobre os conceitos de diversidade e inclusão nas práticas esportivas seria importante e interessante. De acordo com Freire (2008), a inclusão assenta em quatro eixos fundamentais: (1) é um direito fundamental, (2) obriga a repensar a diferença e a diversidade, (3) implica repensar os lugares, sejam eles a escola, o sistema educativo ou os eventos esportivos, por exemplo, e (4) pode constituir um veículo de transformação da sociedade.

Quanto à diversidade, segundo Fleury (2000), sua essência está pautada na forma como se relaciona com o respeito à individualidade e o seu reconhecimento, bem como à forma pela qual os indivíduos se percebem quanto às suas identidades visíveis e invisíveis. Saraiva e Irigaray (2009), afirmaram que os indivíduos tendem a classificarem-se por categorias e aos outros no que diz respeito à identidade social; em especial sobre as interações humanas (SLUSS; ASHFORD, 2007) Este é um processo que implica estereótipos e estigmas, em especial aos indivíduos de identidades minoritárias. Estudos evidenciaram que pessoas negras (ALVES; GALEÃO-SILVA; 2004; FLEURY, 2000), com alguma deformação facial (EDWARDS; WATSON, 1980), com deficiência física (CENTERS; CENTERS, 1963), obesas (HARRIS, 1983); retardadas mentais (FOLEY, 1979), homossexuais (SILVA, 2006; SIQUEIRA; ZAULI-FELLOWS, 2006) e cegas (SCOTT, 1969) são estigmatizadas.

4.3.1. O Movimento Homossexual

No Brasil, o movimento homossexual surgiu anos mais tarde em relação à Europa e Estados Unidos, ganhando maior visibilidade no final da década de 1970, em meio à ditadura civil-militar (1964-1985) (FACCHINI, 2003).

Facchini (2003) dividiu o movimento homossexual no Brasil em três “ondas”. Segundo a autora, a primeira onda foi de 1978 a 1983:

“[...] o primeiro momento, que chamarei de “primeira onda”, corresponde ao surgimento e expansão desse movimento durante o período de “abertura” política e foi registrado pela maior parte da bibliografia disponível sobre o tema. Nesse momento, as iniciativas estiveram bastante concentradas no eixo Rio-São Paulo, eram fortemente marcadas por um caráter antiautoritário e comunitarista, pela relação com propostas de transformação para o conjunto da sociedade e foram tratadas pela bibliografia sobre movimentos sociais a partir do enquadramento entre os movimentos então chamados de “alternativos” ou “libertários”. Esse primeiro momento encerra-se nos últimos anos da primeira metade dos anos 1980, o que coincide com a retomada do regime democrático e o surgimento da AIDS, então chamada de “peste gay” (FACCHINI, 2003, p. 84).

De acordo com a autora, também foi nesta primeira onda que surgiu o Grupo Gay da Bahia (GGB), voltado para a defesa dos direitos dos homossexuais no Brasil, sendo o primeiro grupo do movimento a se formalizar como uma ONG (Organização não governamental) (FACCHINI 2005).

Na década de 80, a AIDS (*Acquired Immunodeficiency Syndrome*) se tornou um grande obstáculo, pois, relacionada à homossexualidade, passou também a ser vista como portadora e transmissora de uma doença incurável, na época chamada de “câncer gay”. A luta pela desvinculação da AIDS à homossexualidade foi árdua, caracterizando a chamada “Segunda Onda” do movimento, que ocorreu entre os anos de 1984 a 1992. De acordo com FACCHINI (2003):

“A necessidade de desvinculação da imagem da homossexualidade de seus aspectos “marginais” passa a ser uma característica bastante presente nessa “segunda onda” do movimento. O processo de “redemocratização” na sociedade brasileira e a consequente desmobilização das propostas mais “antiautoritárias” de militância

pode ser relacionada a essa tendência à desvalorização dos aspectos "marginais" da homossexualidade e à necessidade de construção de uma imagem pública da homossexualidade, que deixa de incluir boa parte das vivências a ela relacionadas. (SIC)" (FACCHINI, 2003, p. 102).

Nesta época, iniciou-se uma campanha nacional pela retirada da homossexualidade do código de doenças do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), dando início à luta pela despatologização. O GGB, que já possuía grande influência na década de 80, é quem lidera a campanha, contribuindo também para o fortalecimento do ativismo no Nordeste. Todo esse contexto da Segunda Onda correspondeu ao período de aumento da visibilidade pública da homossexualidade, onde se expande o mercado de bens e serviços destinado ao público homossexual.

Esse período possui características marcantes, com um menor envolvimento em projetos de transformação social e ação mais intensa voltada para a garantia dos direitos civis e combate à discriminação e violência. O objetivo foi construir organizações mais formais, sem rotatividade de direções e com cargos e funções definidas. Facchini (2005) ressaltou que outra mudança importante desse período foi a adoção do termo "orientação sexual", que desloca a polarização acerca da homossexualidade pensada como uma "opção" ou como uma "condição" inata. O uso do termo "orientação sexual" foi fundamental no combate às lutas e revelou que não se trata de uma escolha individual racional e voluntária, muito menos de uma determinação simples.

A Terceira Onda, registrada por Facchini (2005) de 1992 a 2005, é considerada como um momento de reflorescimento do movimento homossexual, visto que não somente o número de grupos ou organizações do movimento teve seu avanço significativo, como também houve uma variação de formatos institucionais e propostas de atuação.

"O termo "movimento homossexual" é entendido como o conjunto das associações e entidades, mais ou menos institucionalizados, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados a livre orientação sexual e/ou reunir, com finalidades não exclusivamente, mas necessariamente políticas, indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer uma das identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento. (FACCHINI, 2003, p. 84)

Em 1995, durante a Terceira Onda, ocorreu a fundação da primeira e maior rede de organizações LGBTQIA+ brasileiras, a ABGLT (Associação

Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis), que reúne cerca de 200 organizações espalhadas por todo o Brasil, sendo considerada a maior rede LGBTQIA+ na América Latina. A ABGLT promove uma série de ações no âmbito legislativo e judicial, orientadas para acabar com diferentes formas de discriminação e violência contra a população LGBTQIA+. A partir da fundação da ABGLT, houve uma multiplicação de redes nacionais. Surgiram a Associação Brasileira de Lésbicas (ABL), a Liga Brasileira de Lésbicas (LBL), a Associação Nacional de Travestis (ANTRA), o Coletivo Nacional de Transexuais (CNT), o Coletivo Brasileiro de Bissexuais (CBB) e a Rede Afro LGBT. Houve também a criação de redes locais, como por exemplo, o Fórum Paulista GLBT que nasceu com a missão de reunir todos os grupos existentes no estado de São Paulo. Também nesse período, houve um aumento da visibilidade LGBTQIA+ na mídia e na sociedade. Após 1995 é que teve início debates sociais abertos e amplos sobre os direitos LGBTQIA+ (FACHINI, 2005).

Ainda sobre o movimento homossexual no Brasil, tem-se a contribuição de Camargo (2009) sobre a alteridade. O autor afirma que a concepção genérica compreende a figura do outro, portanto, perceber o outro, colocar-se na condição do outro e notar a própria existência devido a existência do outro é o grande desafio da humanidade no mundo pós-moderno, afinal, os homens nunca foram tão testados na questão da alteridade como agora. O desafio é apresentado todos os dias, nas escolas, nas universidades, no trabalho, no esporte, no lazer e dentro das próprias casas. Foi através da alteridade que os movimentos gays e lésbicas engrossaram as vozes em coro e possibilitaram variadas manifestações políticas, sendo que os jogos e campeonatos esportivos LGBTQIA+ vieram a se tornar uma das manifestações dos anos vinte e trinta do século XX.

Louro (1999) trouxe uma reflexão em relação à imagem homossexual:

“Como se a homossexualidade fosse contagiosa e estivesse constantemente ameaçando a heterossexualidade dos sujeitos, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse contagiosa, cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais ” (1999, p.29).

Não faz sentido falar sobre homossexualidade no Brasil sem discutir as questões sobre violência. Alguns grupos sociais são caracterizados por identidades sociais historicamente vulneráveis do ponto de vista político-social, como mulheres, negros e LGBTQIA+. A sociedade convive com um estado de dominação homogeneizado que impede a igualdade de cidadania para determinados grupos sociais, perpetuando historicamente e produzindo uma forma específica de violência social (MASIERO, 2019).

A criminalização dessa comunidade é mais do que suficiente para que o Estado possa levantar e assumir dados realísticos quanto à violência. No Brasil, falando especificamente do grupo LGBTQIA+, há subnotificação e falta de visibilidade da violência sofrida por estas pessoas, com destaque para pessoas *trans*. Faltam dados estatísticos governamentais sobre a violência a essa população. Nos casos de assassinatos, os dados se perdem nos registros de ocorrência, sucedendo da mesma forma nos laudos do IML, uma vez que se ignora a identidade de gênero da pessoa. (ANTRA, 2021)

Segundo dados de 2021 da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), a população LGBTQIA+ no Brasil é estimada em 20 milhões de pessoas, sem levar em conta as pessoas intersexo.

O Sistema Único de Saúde (SUS) realizou em julho de 2020 uma pesquisa que apontou que a cada hora um LGBTQIA+ é agredido no Brasil. Entre 2015 e 2017, data em que os dados foram analisados, mais de 24 mil notificações de violência contra essa população foram registradas (ANADEP e CONDEGE, 2021).

Uma análise de Mendes e Silva (2020) mostrou que as vias públicas e as residências das vítimas são os lugares mais comuns das ocorrências dos crimes, sendo que as armas brancas são as mais utilizadas contra homossexuais masculinos e as armas de fogo contra transgêneros, contudo, ainda são comuns os espancamentos, asfixia e outras crueldades. Quanto à faixa etária das vítimas, 20 a 49 anos é a faixa predominante, onde os indivíduos tendem a ser brancos ou pardos. Em relação à geografia, a análise mostrou que as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentam taxas de homicídios LGBTQIA+

acima da média nacional, regiões estas que apresentam os mais baixos índices de IDH, sendo o crime de ódio apontando como a principal motivação. Devido à falta de informações sobre a taxa de homicídios de LGBT no Brasil, o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) foi escolhido como indicador para as capitais e demais municípios, possibilitando, assim, a comparação das taxas de homicídios entre os municípios e os estados brasileiros. Além disso, essas regiões são marcadas por uma cultura muito arraigada ao machismo, que criou a figura do “macho nordestino”, tendo a valentia como traço definidor e a validação da violência para os casos de defesa da honra (DANTAS, 2020).

Segundo pesquisa da organização de mídia Gênero e Número, com o apoio da Fundação Ford, os dados de violência no Brasil estão atrelados à última eleição presidencial do Brasil, em 2018, onde, de lá para cá, 51% das pessoas LGBTQIA+ relataram ter sofrido algum tipo de violência motivada pela sua orientação sexual ou identidade de gênero. Destas, 94% sofreram violência verbal. Em 13% das ocorrências, as pessoas sofreram também violência física. A pesquisa revelou ainda que, em comparação com os Estados Unidos, por exemplo, as *trans* brasileiras correm um risco 12 vezes maior de sofrer morte violenta do que as estadunidenses. Esse é apenas um dos levantamentos que apontam o Brasil como o país que mais mata pessoas *trans* no mundo por 13 anos consecutivos. (Fundo Brasil, 2021)

Em 2006 houve a apresentação da lei de criminalização da LGBTfobia, o PLC 122/2006, contudo, o projeto foi arquivado em 2014 devido o governo não ter concordado em realizar uma audiência com representantes do movimento LGBTQIA+. O Supremo Tribunal Federal (STF) definiu desde junho de 2019 que a violência contra a população LGBTQIA+ é crime e, enquanto não houver lei específica, deve ser equiparado aos crimes de racismo, previstos na Lei nº 7.716/89. Recentemente houve uma grande conquista, em 05 de abril de 2022 o Superior Tribunal de Justiça (STJ) estabeleceu que a Lei Maria da Penha passasse a ser aplicada também aos casos de violência doméstica ou familiar contra mulheres transexuais, uma vez que há o entendimento que a mulher *trans* também é uma mulher.

Segundo Symmy Larrat, Presidenta da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), Lgbtfobia é crime, mesmo o Estado não querendo.

“Durante muito tempo vivenciamos a culpabilização pela violência que sofremos somente pelo fato de SERMOS, SENTIRMOS e AMARMOS, verbos que não podiam ser conjugados pelas existências, homossexuais, transgêneros, intersexos e não binárias. O fato de existirmos como somos era o fator determinante para sermos violentadas com a anuência estatal, social e até espiritual. Lutamos para mudar essa realidade com muito diálogo e expressão de nossa existência, tomando as ruas, espaços de poder e nos tornando visíveis. Essa luta chegou longe e garantiu o casamento igualitário, o direito à autodeterminação de gênero, a doação de sangue e pasmem: a Criminalização da Homofobia e da Transfobia” (FGV, 2020, p.5)

Em 2021 foi lançada a cartilha “Sofreu LGBTifobia? Procure a Defensoria Pública”, desenvolvida e publicada pela Associação Nacional das Defensoras e Defensores públicos (ANADEP) em parceria com o Conselho Nacional das Defensoras e Defensores Públicos-Gerais (CONDEGE) que trata sobre os direitos LGBTQIA+; além de dar orientação sobre como registrar ocorrências e realizar denúncias, também explica o termo “LGBTIFOBIA” como sendo:

“É o termo utilizado para compreender as violências cometidas contra a população LGBTQIA+ e que se apresentam como uma série de atitudes ou sentimentos negativos em relação às pessoas LGBTQIA+, motivadas pela sua orientação sexual e/ou sua identidade de gênero. Elas podem surgir de diversas formas, como: crimes contra a honra (difamação e injúria); violência psicológica, em que a vítima pode sofrer ameaças, humilhações e bullying; agressões verbais; violência institucional e violência física, que inclui lesões corporais e homicídio. (ANADEP e CONDEGE, 2021, p.2)

4.3.2. Nomenclatura LGBTQIA+

Nos anos 90 a sigla GLS ganhou força; na época, as letras representavam as pessoas gays, lésbicas e também simpatizantes. Com a inclusão de diversas outras orientações sexuais e identidade de gênero, a nomenclatura vem ganhando atualizações a fim de representar diferentes grupos. Por trás das letras compostas na sigla há muita história e muita luta (BESSA, 2007), conforme será visto nos capítulos seguintes.

Segundo o Fundo Brasil (2022), organização que defende os direitos humanos, a nomenclatura sofre alterações de acordo com o contexto em que é usada, contudo, as frequentes atualizações deixam dúvidas quanto ao significado das letras. Atualmente, a sigla mais utilizada para representar os diversos grupos é o LGBTQIA+ que chegou para manifestar consciência coletiva em prol da liberdade de expressão. Conheça os termos e celebre as diferenças:

- *L - Lésbicas*: São mulheres, *cis* ou *trans*, que sentem atração afetiva e/ou sexual por outras mulheres, também *cis* ou *trans*.
- *G - Gays*: Homens (*cis/trans*) que sentem atração afetiva/sexual/emocional por outros homens (*cis/trans*).
- *B – Bissexuais*: Diz respeito às pessoas (*cis/trans*) que sentem atração afetiva/sexual/emocional por mais de um gênero.
- *T - Transgêneros*: Corresponde às pessoas que não se identificam com o gênero atribuído em seu nascimento.
- *Q - Queer*: Pessoas com o gênero 'Queer' são aquelas que transitam entre as noções de gênero, como é o caso das *Drag queens*. A teoria Queer defende que a orientação sexual e identidade de gênero não são resultado da funcionalidade biológica, mas de uma construção social.
- *I - Intersexuais*: Pessoas cujo desenvolvimento sexual corporal não se encaixa na forma binária.
- *A - Assexuais*: Pessoas que não sentem atração sexual por outras pessoas, mas podem sentir atração afetiva.
- *+*: Utilizado para incluir outros grupos e variações de sexualidade e gênero que não se sentem de fato representados pela heteronormatividade.

5. PRÁTICA ESPORTIVA LGBTQIA+

Diversos são os eventos voltados à comunidade LGBTQIA+, tanto nas competições profissionais como em jogos amadores. A estrutura dos campeonatos LGBTQIA+ assemelham-se às competições convencionais heteronormativas, bem como os índices de recordes, como afirmaram Camargo e Rial (2011, p. 981) ao relatarem que as quebras de recordes emergem em

maior proporção nas competições de grande envergadura e, mais comumente em modalidades esportivas individuais.

Segundo a lei nº 9.615/98, conhecida como lei Pelé, o esporte pode ser dividido em educacional, de participação, de rendimento e de formação. Sendo que o modo profissional é caracterizado pela remuneração pactuada em contrato formal de trabalho entre o atleta e a entidade de prática desportiva, como é o caso do desporto de rendimento (BRASIL, 1998).

I - desporto educacional, praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer;

II - desporto de participação, de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente;

III - desporto de rendimento, praticado segundo normas gerais desta Lei e regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

IV - desporto de formação, caracterizado pelo fomento e aquisição inicial dos conhecimentos desportivos que garantam competência técnica na intervenção desportiva, com o objetivo de promover o aperfeiçoamento qualitativo e quantitativo da prática desportiva em termos recreativos, competitivos ou de alta competição". (BRASIL, 1998)

O sistema esportivo global e competições LGBTQIA+, segundo Camargo e Rial (2011, p.980):

“Refere-se a eventos que oferecem um variado leque de esportes, praticados invariavelmente pela não menos diversa gama de sujeitos. Se buscássemos um "padrão hegemônico" para descrever a população que se envolve nesses tipos de torneios, poder-se-ia dizer que os participantes habitam grandes centros urbanos (ou cidades médias de regiões metropolitanas no globo), têm escolaridade formal (geralmente nível universitário), são "brancos" (caucasianos) em sua maioria e, em esmagadora proporção, do gênero masculino. Muitos moram sozinhos e aproveitam as viagens proporcionadas pela participação nos eventos para férias e turismo (convencional e sexual). No quesito renda, notadamente possuem recursos suficientes à

participação, ao turismo local, a uma hospedagem confortável. E, além disso, dispõem de reservas para prolongar a estada ou agregar roteiros turísticos nos dias posteriores ao evento em si.” (CAMARGO E RIAL, 2011)

Em setembro de 2015, 193 Estados Membros da ONU (Organização das Nações Unidas) tomaram o documento “Transformando o Nosso Mundo: Agenda 2030” como base para o Desenvolvimento Sustentável que resultou de um processo global participativo de mais de dois anos, coordenado pela ONU, no qual governos, sociedade civil, iniciativa privada e instituições de pesquisa contribuíram através da Plataforma ‘My World’. Os objetivos de desenvolvimento sustentável, dispostos na Agenda, abrangem o desenvolvimento econômico, a erradicação da pobreza, da miséria e da fome, a inclusão social, a sustentabilidade ambiental e a boa governança em todos os níveis, incluindo paz e segurança. (ODS Brasil, 2015)

São 17 objetivos com metas de ação global e espera-se que os países definam as metas nacionais de acordo com as suas circunstâncias e as incorporem em seus programas, políticas e planos de governo. Dentre as frentes dos objetivos traçados, foram destacados dois devido à relação direta com este trabalho e que podem contribuir para melhores atitudes de combate ao preconceito e inclusão social em nosso país, são eles:

- ODS 5 - Igualdade de Gênero: Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.
- ODS 16 - Paz, Justiça e Instituições Eficazes: Promover sociedades pacíficas e inclusivas para o desenvolvimento sustentável, proporcionar o acesso à justiça para todos e construir instituições eficazes, responsáveis e inclusivas em todos os níveis.

Os objetivos contam com metas globais, bem como nacionais. Entre as metas globais estabelecidas na ODS 5 têm-se: a) acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte; b) Eliminar todas as formas de violência contra todas as mulheres e meninas nas esferas públicas e privadas, incluindo o tráfico e exploração sexual e de outros tipos; c) Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos prematuros, forçados e de crianças e mutilações genitais femininas; d) Reconhecer e valorizar o trabalho

de assistência e doméstico não remunerado, por meio da disponibilização de serviços públicos, infraestrutura e políticas de proteção social, bem como a promoção da responsabilidade compartilhada dentro do lar e da família, conforme os contextos nacionais; e) Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na vida política, econômica e pública; f) Assegurar o acesso universal à saúde sexual e reprodutiva e os direitos reprodutivos, como acordado em conformidade com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão; g) Realizar reformas para dar às mulheres direitos iguais aos recursos econômicos, bem como o acesso a propriedade e controle sobre a terra e outras formas de propriedade, serviços financeiros, herança e os recursos naturais, de acordo com as leis nacionais; h) Aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para promover o empoderamento das mulheres; i) Adotar e fortalecer políticas sólidas e legislação aplicável para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento de todas as mulheres e meninas em todos os níveis.

Com relação às metas nacionais aplicadas no Brasil, têm-se: a) Eliminar todas as formas de discriminação de gênero, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as meninas e mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas; b) Eliminar todas as formas de violência de gênero nas esferas pública e privada, destacando a violência sexual, o tráfico de pessoas e os homicídios, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas; c) Eliminar todas as práticas nocivas, como os casamentos e uniões precoces, forçados e de crianças e jovens, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas; d) Eliminar a desigualdade na divisão sexual do trabalho remunerado

e não remunerado, inclusive no trabalho doméstico e de cuidados, promovendo maior autonomia de todas as mulheres, nas suas intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas, por meio de políticas públicas e da promoção da responsabilidade compartilhada dentro das famílias; e) Garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades para a liderança em todos os níveis de tomada de decisão na esfera pública, em suas dimensões política e econômica, considerando as intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas; f) Promover, proteger e garantir a saúde sexual e reprodutiva, os direitos sexuais e direitos reprodutivos, em consonância com o Programa de Ação da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento e com a Plataforma de Ação de Pequim e os documentos resultantes de suas conferências de revisão, considerando as intersecções de gênero com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas; g) Garantir igualdade de direitos, de acesso e de controle dos recursos econômicos, da terra e de outras formas de propriedade, de serviços financeiros, de herança e de recursos naturais de forma sustentável, por meio de políticas de crédito, capacitação, assistência técnica, reforma agrária e habitação, entre outras, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas; h) Garantir a igualdade de gênero no acesso, habilidades de uso e produção das tecnologias de informação e comunicação, produção do conhecimento científico e produção da informação, conteúdo de mídias e comunicação, considerando as intersecções com raça, etnia, idade, deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas; i) Adotar e fortalecer políticas públicas e legislação que visem à promoção da igualdade de gênero e ao empoderamento de todas as mulheres e meninas, bem como promover mecanismos para sua efetivação – em todos os níveis federativos – nas suas intersecções com raça, etnia, idade,

deficiência, orientação sexual, identidade de gênero, territorialidade, cultura, religião e nacionalidade, em especial para as mulheres do campo, da floresta, das águas e das periferias urbanas. (ODS BRASIL, 2015)

Já, entre as metas da ODS 16 têm-se em âmbito global: a) Reduzir significativamente todas as formas de violência e as taxas de mortalidade relacionada em todos os lugares; b) Acabar com abuso, exploração, tráfico e todas as formas de violência e tortura contra crianças; c) Promover o Estado de Direito, em nível nacional e internacional, e garantir a igualdade de acesso à justiça para todos; d) Até 2030, reduzir significativamente os fluxos financeiros e de armas ilegais, reforçar a recuperação e devolução de recursos roubados e combater todas as formas de crime organizado; e) Reduzir substancialmente a corrupção e o suborno em todas as suas formas; f) Desenvolver instituições eficazes, responsáveis e transparentes em todos os níveis; g) Garantir a tomada de decisão responsiva, inclusiva, participativa e representativa em todos os níveis; h) Ampliar e fortalecer a participação dos países em desenvolvimento nas instituições de governança global; i) Até 2030, fornecer identidade legal para todos, incluindo o registro de nascimento; j) Assegurar o acesso público à informação e proteger as liberdades fundamentais, em conformidade com a legislação nacional e os acordos internacionais; k) Fortalecer as instituições nacionais relevantes, inclusive por meio da cooperação internacional, para a construção de capacidades em todos os níveis, em particular nos países em desenvolvimento, para a prevenção da violência e o combate ao terrorismo e ao crime e l) Promover e fazer cumprir leis e políticas não discriminatórias para o desenvolvimento sustentável.

Quanto as metas em âmbito nacional brasileiro, são elas: a) Reduzir significativamente todas as formas de violência e as taxas de mortalidade relacionadas, em todos os lugares, inclusive com a redução de 1/3 das taxas de feminicídio e de homicídios de crianças, adolescentes, jovens, negros, indígenas, mulheres e LGBT; b) Proteger todas as crianças e adolescentes do abuso, exploração, tráfico, tortura e todas as outras formas de violência; c) Fortalecer o Estado de Direito e garantir acesso à justiça a todos, especialmente aos que se encontram em situação de vulnerabilidade; d) Até 2030, reduzir significativamente os fluxos financeiros e de armas ilegais, reforçar a

recuperação e devolução de recursos roubados e combater todas as formas de crime organizado (mesma meta global); e) Reduzir substancialmente a sonegação fiscal, a corrupção e o suborno em todas as suas formas; f) Ampliar a transparência, a *accountability* e a efetividade das instituições, em todos os níveis; g) Garantir a tomada de decisão responsiva, inclusiva, participativa e representativa em todos os níveis (mesma meta global); h) Ampliar e fortalecer a participação brasileira nas instituições de governança global; i) Até 2030, fornecer identidade civil para todos, incluindo o registro de nascimento, em especial para os povos ciganos, as comunidades quilombolas, os povos indígenas, os povos e comunidades tradicionais de matriz africana e de terreiros, as populações ribeirinhas e extrativistas, além de grupos populacionais como mulheres trabalhadoras rurais, a população em situação de rua, a população em situação de privação de liberdade e a população LGBT; j) Assegurar o acesso público à informação e proteger as liberdades fundamentais, em conformidade com a legislação nacional e os acordos internacionais (mesma meta global); k) Fortalecer as instituições relevantes, inclusive por meio da cooperação internacional, para a construção de capacidades em todos os níveis, em particular nos países em desenvolvimento, para a prevenção da violência, do crime e da violação dos direitos humanos e, l) Promover e fazer cumprir leis e políticas não discriminatórias e afirmativas. (ODS BRASIL, 2015).

No Brasil, a insistência de atletas homossexuais no âmbito esportivo tem ganhado força e visibilidade, contudo, não se pode deixar de lado o empoderamento de populações historicamente marginalizadas dentro do esporte mundial. Jennifer Hargreaves escreveu em 2000 o livro “*Heroines of Sport: The Politics of Difference and Identity*”, que em tradução livre é “*Heroínas do Esporte: A Política da Diferença e da Identidade*”. O livro relata sobre diferenças em relação à classe, cultura, deficiência, etnia, raça, religião e orientação sexual de diversos grupos de mulheres ao redor do mundo, em específico sobre mulheres negras na África do Sul, mulheres muçulmanas do Oriente Médio, mulheres aborígenes da Austrália e Canadá e mulheres lésbicas e deficientes. O capítulo 5 intitulado “*Lesbianas nos esportes: símbolos heroicos da libertação sexual*” trás uma reflexão da influência do discurso da homossexualidade, vinculado à doença e à perversão sexual no século XIX e da

criação de definições essencialistas e médicas sobre gays e lésbicas nos anos 60, na discriminação social em face da definição sexual. O livro reforça a visibilidade como arma contra a homofobia, uma vez que argumenta que quanto maior for o contato entre os grupos de lésbicas, menor será o preconceito (LESSA E VOTRE, 2007).

O encontro de homossexuais para a prática do futebol, esporte brasileiro com maior visibilidade, é um movimento que vem sendo parte de toda uma luta contra a homofobia, que antes era silenciada e não existia. Além dos preconceitos na homossexualidade, mais uma vez é possível abordar o conceito dos estereótipos e analisar a rigidez advinda desse viés:

“[...] influem no processo de percepção das pessoas e simplificam a realidade objetiva, criando resistência às mudanças. Com isso, dá-se um “velamento” da realidade, já que por trás dos estereótipos, podem estar sendo escondidas necessidades, aspirações e potencialidades do sujeito a quem se dirige o olhar estereotipado” (ROMERO, 1990, p.52).

Segundo Oliveira (2008), modalidades como Futsal, Voleibol, Basquetebol, Dança, Lutas, Caminhada, Musculação, Ginástica, Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Natação e Hidroginástica são práticas comuns a todos, independente das características físicas, sociais e culturais atribuídas a cada atividade.

A prática esportiva LGBTQIA+ de forma pública teve início em meados de 1980 quando um atleta norte-americano, Tom Waddell, criou a primeira versão de uma competição esportiva reunindo atletas diversos, entre eles, gays, lésbicas, bissexuais, travestis e com participação livre para heterossexuais também. Nessa competição, a livre participação e a inclusão foram valores assegurados aos participantes. Tom entendia que apesar do esporte trazer a igualdade formal de chances, ainda excluía a maioria. (CAMARGO, RIAL, 2011).

O *coming out*, popularmente chamado no Brasil de a saída do armário, sempre causou polêmica e, dentro do mundo esportivo, não foi diferente, em especial no futebol. Quando o tema homossexualidade é abordado, a figura pública, no caso dos indivíduos famosos, ganha destaque. Muitos atletas após

algum tempo seguindo uma heteronormatividade forçada, acabam saindo do armário (CAMARGO, 2018).

Entretanto, de acordo com Sedgwick (2007), são raros os casos em que atletas ativos, ou seja, no auge da carreira, revelam sua sexualidade, o que é decorrente do medo das consequências, como quebra de contratos, falta de patrocínio, deterioração da imagem e honra, preconceito, *bullying*, ameaças e violência.

Sabe-se que muitos atletas LGBTQIA+ se privam de revelar suas reais sexualidades e somente se “declaram gays” depois que se aposentam, ou ainda, depois de mortos. A veiculação de arquivos pessoais de forma indevida e a pressão social que essas pessoas sofrem são as condições que mais levam ao suicídio (SEDGWICK, 2007).

Além do preconceito contra homossexuais e toda comunidade LGBTQIA+, há também a rotulação de estereótipos, Numan (2003) explica o comportamento do grupo que sofre com esse viés:

“Indivíduos estereotipados, frequentemente cientes dos estereótipos imputados a seu grupo, acabam por desenvolver um alto grau de apreensão quando entram em contato com outros indivíduos, pois temem que seu comportamento espontâneo acabe por confirmar os estereótipos. A este fenômeno chamamos de ameaça do estereótipo (2003, p. 63).

Em 2019 foi lançado o livro: “Não existe vitória sem sacrifício: da depressão severa à medalha Olímpica”, do primeiro campeão mundial da história da ginástica artística brasileira, Diego Hypólito, relatando suas lutas e dificuldades dentro do esporte. No sétimo capítulo do livro, o ginasta relevou os abusos e assédios sofridos. Diego revelou que na ginástica há trotes típicos de veteranos, entre os quais a humilhação, o assédio moral e o sexual, os quais deixaram marcas nele. Nos capítulos seguintes, revelou a homossexualidade, relatando que entre os motivos da demora dessa revelação estava o respeito à família. (HYPOLITO, 2019). Em entrevista com o jornalista Ivan Moré em 2019, o atleta revelou o desejo de escrever mais um livro, o qual seria intitulado “Torturas sofridas pelo ginasta brasileiro”, em cujo conteúdo Diego mencionaria um de seus técnicos, acusado de abusar e assediar cerca de 40 meninos durante sua carreira de treinador. (QUAL É MORÉ, 2019).

Do ponto de vista crítico, o mundo do esporte precisa ser reinventado em torno de temas de gênero e sexualidade e, além disso, nem o futebol nem qualquer outra modalidade deveriam ser tomados como monolítica heteronormativa. A sexualidade no esporte é um campo que ainda tem muito a ser estudado pelos pesquisadores, a fim de desestabilizar as visões de mundo heterocentradas (CAMARGO, 2018).

Os campeonatos esportivos LGBTQIA+ dão espaço a diversas outras indagações, assim, este estudo trouxe um breve histórico sobre o surgimento dessa modalidade esportiva, suas lutas, conquistas e expansão até os dias atuais.

5.1. CAMPEONATOS DEPORTIVOS LGBTQIA+

Em contextos históricos do passado, os jogos esportivos para a comunidade LGBTQIA+ seriam inimagináveis em nível mundial (Camargo e Rial, 2009).

Essa realidade está mudando e, dentre os campeonatos esportivos de maior relevância da atualidade está o *Gay Games*, considerado as olimpíadas Gays. Foi criada em 1982 e, a partir de então, passou a realizar campeonatos esportivos a cada quatro anos. Os jogos são organizados pela Federação dos Jogos Gays (*Federation of Gay Games – FGG*) que, atualmente, é a principal e maior confederação do gênero no mundo (CAMARGO, 2016).

Esses jogos foram chamados por Ribeiro (2000) de “mega rituais globais”. Segundo esse autor, os únicos aspectos que não se encaixam nesses jogos são a falta de transmissão televisiva e do apelo midiático, além da escassez de recursos financeiros. Estes jogos estão muito aquém de eventos como a Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos, porém, são muito bem planejados e executados pela comunidade LGBT, contando com inscrições prévias e *on-line*, taxas de participação, crachás diferenciados de identificação, diversos voluntários, zonas delimitadas de aquecimento e competição, tabelas e programações de jogos e eventos, congressos técnicos das modalidades, atletas do mundo todo e uma série de outros elementos peculiares do universo esportivo (CAMARGO E RIAL, 2009).

Segundo Camargo e Rial (2009), os movimentos LGBTQIA+ surgiram em um momento de consolidação das reivindicações de grupos feministas, gays e lésbicas dos anos 60 e 70, viabilizando a criação e a existência de jogos e competições esportivas LGBTQIA+ em escala planetária.

Marsiaj (2003) afirmou que os gays são grandes consumidores mundiais de produtos e serviços, inclusive, denominou o dinheiro desse público como *pink money*, revelando ainda que o consumidor LGBTQIA+ é a “descoberta do ouro” do *business* mundial e que há quem dedique atenção ao perfil socioeconômico do segmento LGBTQIA+ mostrando, inclusive, que há grandes disparidades entre os gêneros que compõem a própria sigla.

5.1.1. Gay Games

Originalmente nomeado como Olimpíadas Gays, o *Gay Games* é o maior evento esportivo mundial voltado para atletas LGBTQIA+. Teve seu surgimento em São Francisco - Califórnia - EUA em 1982 e foi idealizado pelo médico Tom Waddell. Tom veio a se tornar atleta olímpico e participou dos jogos olímpicos da cidade do México em 1968, ficando na 6º colocação. O objetivo de Waddell era promover o espírito de inclusão e participação, além de uma busca do conhecimento pessoal em um evento esportivo (CAMARGO; RIAL, 2011).

A primeira edição dos *Gays Games* ocorreu em 1982 na cidade de São Francisco, CA, nos dias 28 de agosto a 5 de setembro. A cerimônia de abertura no Estádio Kezar provou ser um dos eventos mais edificantes da história LGBTQIA+. Essa edição contou com 17 modalidades esportivas, participação de aproximadamente 1.350 atletas de 12 países. As sedes oficiais dos jogos olímpicos gays foram São Francisco (1982/ 1986), Vancouver (1990), Nova York (1994), Amsterdã (1998), Sydney (2002), Chicago (2006), Colônia (2010), Cleveland (2014) e Paris (2018), sendo que Hong Kong será a próxima sede do *Gay Games* em 2022, o qual será realizado em novembro de 2023 devido a pandemia de Covid-19 (CAMARGO, 2016).

Entrevistando atletas que participaram da edição de 2014 do *Gay Games* em Cleveland, Camargo (2014) transcreveu a sensação destes em estarem no evento.

“(...) muito bom você estar em um local com muitas pessoas de diversos países e ser simplesmente você, observado, reconhecido, aplaudido por milhares de pessoas, onde pra quem é excluído é maravilhoso, os gays são mais do que “sexo, drogas e rock’ and roll.” (CAMARGO, 2014)

Em relação ao aspecto no campo de turismo proporcionado por esse evento, muitos dos entrevistados relataram que aproveitam as viagens decorrentes da participação em eventos esportivos LGBTQIA+ para férias e turismo. Há também o relato de um casal gay que viajou junto, sendo um deles atleta e o outro acompanhante (CAMARGO, 2014).

5.1.2. LIGAY - LIGAY Nacional de Futebol

A Ligay Nacional de Futebol (LIGAY) surgiu em 2017 e inicialmente não surgiu como uma liga. Na época, um aplicativo de relacionamento para homens gays resolveu organizar um campeonato, a taça Hornet, para divulgação da marca que estava chegando ao Brasil. Foram convidados 3 times LGBTQIA+, os mais antigos de São Paulo, do Rio de Janeiro e de Curitiba, com o campeonato ocorrendo em um final de semana, em meados de julho de 2017, e foi o pontapé inicial para a criação de um campeonato nacional inicialmente exclusivo a *gays*, posteriormente é que a Ligay veio a se tornar um campeonato LGBTQIA+. De início, as principais dificuldades para a criação da Ligay e dos campeonatos em si, foram a falta de apoio financeiro e de patrocinadores, sendo que alguns patrocínios foram conquistados por meio de aplicativos de relacionamentos voltados para a comunidade LGBTQIA+ (CAMARGO, 2021). O *site* pode ser acessado pelo endereço <https://ligaybr.com.br/> no *Facebook* e no *Instagram* a página pode ser encontrada pelo nome LGNF - LiGay Nacional de Futebol, nome de usuário @ligaybr, tendo o *layout* como segue nas Figuras 1, 2 e 3.

FIGURA 1 - *Site oficial LIGAY*

COPA BH 2021		COPA BH 2021		COPA BH 2021		COPA BH 2021		COPA BH 2021		1ª CHAMPIONS LIGAY - RIO DE JANEIRO/RJ		1ª CHAMPIONS LIGAY - RIO DE JANEIRO/RJ	
3ª Rodada		3ª Rodada		2ª Rodada		2ª Rodada		1ª Rodada		1ª Rodada		Final - Disputa de 1º Lugar	
25/07	17:00h	25/07	16:00h	18/07	17:00h	18/07	16:00h	11/07	17:00h	11/07	15:30h	25/11	18:00h
Inconfidentes Pride F7	5	Predadores F.C.	4	Predadores F.C.	3	Felinos E.C.	3	Manotauros E.C.	3	Inconfidentes Pride F7	5	Beescats Soccer Boys	1
Manotauros E.C.	2	Felinos E.C.	2	Inconfidentes Pride F7	5	Manotauros E.C.	5	Predadores F.C.	3	Felinos E.C.	4	Bharbixas E.C.	1
												Unicorns Brezi	3

Fonte: Site Ligy, 2021

FIGURA 2 - Página Oficial Facebook LIGAY



Fonte: Facebook, 2021

FIGURA 3 - Instagram Oficial LIGAY



Fonte: Instagram, 2021

Os times integrantes da liga nos últimos anos vêm reunindo semanalmente mais e mais jogadores, todos interessados em praticar o esporte mais popular do mundo. O interesse da comunidade LGBTQIA+ pelo futebol aumentou em abril de 2017 devido a ideia ter despontado na mídia. A princípio, os times *Unicorns* e *BeesCats* foram os incentivadores da criação de novos times brasileiros, foram também os primeiros a encorajarem meninos e meninas a efetivamente praticarem o futebol, independente da identidade de gênero (RAMOS, 2022).

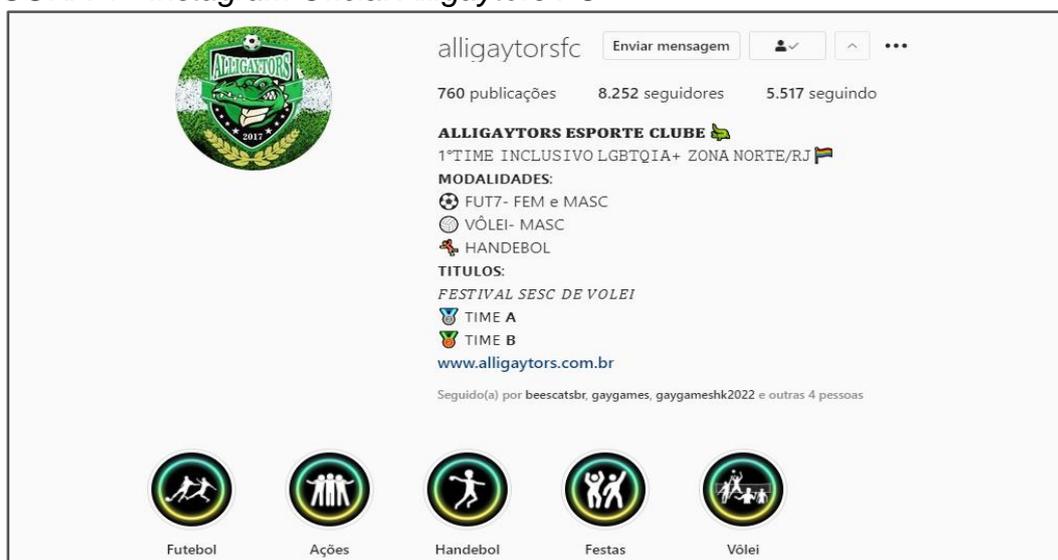
Em 2017, foi realizada a 1ª Edição da *Champions Ligay*, disputada em 25 de novembro e sediada na cidade do Rio de Janeiro. A *Champions Ligay* é uma liga de futebol *society* voltada exclusivamente para a comunidade LGBTQIA+ e que preza pela inclusão através do esporte, tendo como slogan “O esporte é para todos”. O campeonato contou com a participação de oito equipes: *BeesCats* e *Alligaytors* (Rio de Janeiro), *Futeboys* e *Unicorns* (São Paulo), *Bharbixas* (Belo Horizonte), *Bravus* (Brasília), *Magia* (Porto Alegre) e *Sereyos* (Florianópolis). A competição ocorreu no formato de FUT7, com os times formados por seis jogadores na linha e um no gol, com o número máximo de 16 atletas por equipe. O método de disputa foi misto, com 2 grupos de 4 equipes e todos disputando contra todos. Dada a sequência das disputas, os dois melhores times de cada grupo se classificariam para a semifinal e os vencedores para a grande final. A final foi disputada entre *Bharbixas* e *BeesCats*, com o time mineiro vencendo a equipe do Rio de Janeiro nos pênaltis. Os ingressos para esse campeonato foram gratuitos e também contou com transmissões ao vivo diretamente da página oficial da *Ligay* no facebook (AZEVEDO, 2017).

O objetivo principal da *Ligay* e de toda a comunidade de clubes LGBTQIA+ do Brasil é continuar combatendo o preconceito, a homofobia e o machismo dentro dos estádios de futebol do Brasil através da realização de competições em âmbito nacional. (AMARO, 2018).

Dentre estes times destaca-se o *Alligaytor*, fundado em outubro de 2017 por um grupo de amigos homossexuais que gostavam bastante de jogar bola. A real intenção foi promover a integração do público LGBTQIA+ no cenário

futebolístico. O *Instagram* do time pode ser encontrado com o nome de usuário @alligatorsfc, e o layout da página pode ser visto na Figura 4.

FIGURA 4 - *Instagram* Oficial Alligaytors FC



Fonte: *Instagram*, 2021

O *Beescats Soccer Boys Brazil*, fundado em 2017 por André Machado, é o primeiro time gay de futebol do Rio de Janeiro, com seus integrantes se reunindo todas as sextas-feiras às 20h30 em Botafogo no Clube Guanabara. O time possui como nome de usuário no *Instagram* @beescatsbr, o layout da rede social do time pode ser visto na Figura 5.

FIGURA 5 - *Instagram* Oficial Beescatsbr



Fonte: *Instagram*, 2021

Outro time é o *Unicorns Brazil*, fundado em abril de 2015 pelos amigos Filipe Marquezin e Bruno Host, tem por objetivo reunir pessoas da comunidade LGBTQIA+ para jogar bola. Atualmente, o *Unicorns* conta com cerca de 50 integrantes que se reúnem às quartas-feiras em uma quadra na zona sul de São Paulo. Suas atividades podem ser acompanhadas pela rede social do *Instagram*, o qual possui nome de usuário @unicornsbrasil, como pode ser visto na Figura 6.

FIGURA 6 - *Instagram* oficial *Unicornsbrasil*

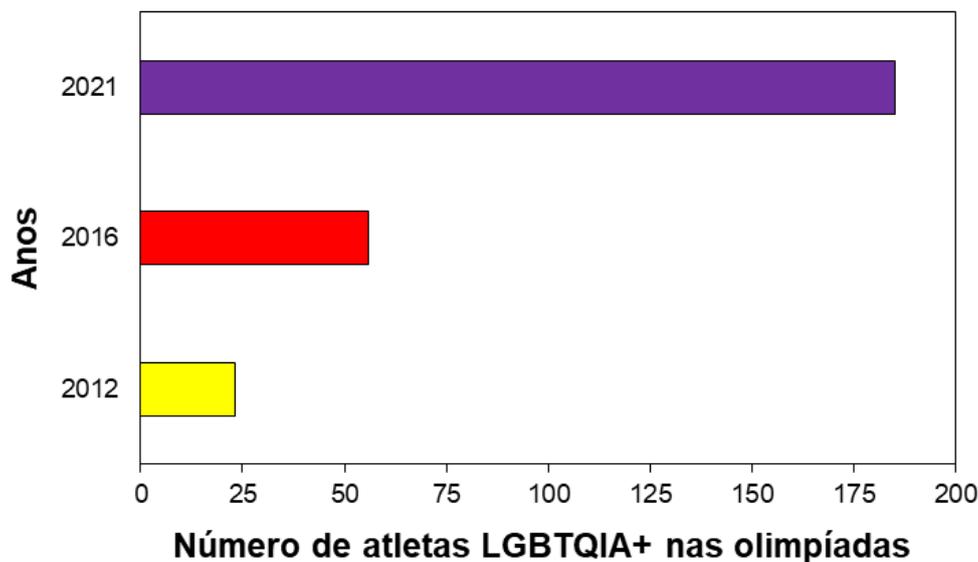


Fonte: *Instagram*, 2021

5.1.3. Representatividade LGBTQIA+: Olimpíadas de Tóquio 2020

O site *OutSports* (2021) fez um levantamento do número de atletas LGBTQIA+ presentes nas Olimpíadas entre 2012 a 2021, com o gráfico apresentado na Figura 7. Nas Olimpíadas de Tóquio de 2020, o número de atletas autodeclarados LGBTQIA+ no esporte foi de 185, entre eles, lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros. Esses jogos olímpicos entraram para a história como as Olimpíadas da pandemia, mas também como da diversidade e da defesa de igualdade de gênero. Em 2016 o evento contou com 56 atletas, enquanto no ano de 2012 o número não passou de 23.

FIGURA 7 - Número total de atletas LGBTQIA+ presentes nas olimpíadas entre os anos de 2012 a 2021



Fonte: Os autores

O aumento no número de atletas LGBTQIA+ demonstrou um avanço na aceitação dessa comunidade no esporte e na sociedade. A ascensão das mídias sociais, especialmente do *Instagram*, permitiu com que esses atletas vissem suas vidas abertamente, identificando-se diretamente com seus seguidores. O número de atletas LGBTQIA+ na Olimpíada de Tóquio 2020 demonstrou uma maior sensibilização sobre os direitos dessa comunidade na sociedade (OUTSPORTS, 2021).

Segundo a *Outsports*, o Brasil junto com o Canadá foi o segundo país com maior número de atletas LGBTQIA+ (18 pessoas) em Tóquio, com os Estados Unidos em primeiro lugar com 36 participantes (OUTSPORTS, 2021). Com relação aos atletas brasileiros, foram nove os representantes assumidos: Babi Arenhart do handebol, Isadora Cerullo (Izzy) do rugby, Silvana Lima do surfe, Ana Marcela Cunha da natação, Ana Carolina e Douglas Silva do vôlei, além de Marta, Andressa Alves e Bárbara do futebol feminino. As Olimpíadas de Tóquio foram marcadas não apenas pela participação de um número maior de atletas LGBTQIA+, mas também pela primeira participação de uma atleta transgênero (PLACAR, 2021).

Em números totais de atletas que competiram em Tóquio, menos de 2% se identificaram como LGBTQIA+, esse número ainda é baixo. Entre as razões

prováveis para a existência de tão poucos atletas LGBTQIA+ nos jogos está a discriminação sofrida durante a prática de esportes, o que pode levá-los a parar de jogar, além de que muitos atletas não se identificam devido a cultura esportiva ainda dependente de estereótipos de gênero e sexualidade. Dessa forma, há ainda um longo caminho de inclusão de atletas intersexuais nas Olimpíadas, porém, o aumento na representação LGBTQIA+ nas Olimpíadas de Tóquio é motivo de comemoração (CNN BRASIL, 2021).

5.1.4. Falta de Apoio e Patrocínio aos Times LGBTQIA+

Em sua origem, o futebol brasileiro se caracterizava por seu caráter lúdico e pela centralidade de valores como, por exemplo, a construção de laços afetivos e identidade entre os indivíduos. Sendo assim, as principais características do futebol são baseadas no lazer, na diversão, no ócio e na criação de laços de pertencimento entre os indivíduos (ELIAS; DUNNING, 1995). São essas algumas das motivações para que grupos de pessoas se reúnam e abracem valores expressados em conjunto (SEVCENKO, 1994).

Atualmente, o futebol perdeu bastantes dessas características mencionadas, passando a ter um caráter mercantilista, tornando-se um futebol-negócio (CARVALHO, 2001; 2003). Nas últimas três décadas o futebol atraiu novos tipos de organizações, como as instituições financeiras e as empresas de *marketing* esportivo, passando a movimentar bilhões. Dos US\$250 bilhões anuais que o futebol movimenta no mundo, o Brasil contribui com cerca de US\$32 bilhões (CBF NEWS, 2004).

Slack (1997, p.5) definiu “organização esportiva” como uma entidade social envolvida na indústria do esporte que têm objetivos e dispõe de uma estrutura definida e com fronteiras relativamente identificáveis. Sendo assim, o futebol é uma indústria esportiva, uma vez que os clubes de futebol visam à obtenção de lucro, para o que dispõem de uma estrutura bem definida, com área de *marketing*, finanças, recursos humanos e departamentos de esportes.

Por sua vez, Dacin (1999) expôs a ideia de que diante da importância econômica que se tem atribuído ao futebol, somada às oportunidades de mercado nesse setor, os aspectos econômicos, políticos, culturais e sociais permeiam essa prática desportiva. O futebol transformou-se numa imensa

indústria que movimenta bilhões no mundo inteiro. Produzem-se espetáculos esportivos, grandes atletas profissionais e mitos esportivos. Os jogadores transformaram-se em mercadoria, os torcedores em consumidores, o jogo num ativo financeiro, com o futebol visto como um grande negócio (GONÇALVES; MAGALHÃES FILHO; ALCÂNTARA, 2003).

Vale ressaltar que houve um aumento significativo no número de praticantes de esportes no mundo, bem como o surgimento de novas modalidades esportivas, com isso, os investimentos da mídia têm evidenciado que o esporte, pela sua crescente relevância econômica, tornou-se um dos grandes ativos financeiros, em especial para inúmeras empresas privadas (SANTOS et al, 2004).

Em relação ao futebol LGBTQIA+, o presidente da *Ligay*, Josué Machado¹, indica que a falta de apoio dos patrocinadores é uma das principais dificuldades que os clubes e campeonatos LGBTQIA+ enfrentam. Na *ligay* os patrocínios geralmente vêm das empresas que já são voltadas ou trabalham com o público LGBTQIA+. Ainda, segundo Machado, falta muito para que a *Ligay* se aproxime do ideal, o apoio que a instituição recebe é pouquíssimo, não há patrocinadores fixos e há um grande desdobramento para que os campeonatos aconteçam devido aos custos altíssimos para participação em eventos. Josué relatou que na maioria das vezes são necessários esforços dos próprios atletas para custear inscrições, passagens, alimentação, entre outros gastos que um campeonato demanda.

Josué Machado, nesta mesma entrevista deixou uma mensagem:

“[...] A situação não é muito discordante dentre os outros esportes, sobretudo nos bastidores. Desse modo, cooperar em busca da diversidade e do respeito e ter o direito de poder ser quem somos, dentro ou fora dos campos e quadras é uma esperança de algo melhor no futuro, especialmente no presente momento. É necessário lutar para que o regresso não permaneça e que não se perca tudo o que já foi conquistado com muitos esforços e lutas. Por esta razão, a *Ligay* e a *True Colors*, dentre muitos outros campeonatos LGBTQIA+, tem como objetivo cada dia mais de resistir contra a discriminação e o preconceito no esporte de modo geral (ENTREVISTA PESSOAL, 2021)”

¹ Entrevista pessoal concedida aos autores do presente trabalho, em 10 de agosto de 2021 por meio da plataforma *Google Meet*.

6. ENTREVISTA COM JOSUÉ MACHADO, PRESIDENTE DA LIGAY

Conforme mencionado anteriormente, essa entrevista foi realizada no dia 10 de agosto de 2021 através da plataforma *Google Meet* com o atual presidente da *Ligay* (Liga Gay Nacional do Brasil), Josué Machado, 35 anos, natural de Pernambuco, residente em Belo Horizonte/MG, bacharel em contabilidade e ex-atleta dos times de futebol Cruzeiro e Vitória.

Josué relatou que uma das suas maiores motivações dentro da *Ligay* é torná-la cada dia mais conhecida, possibilitando debates em prol do futebol LGBTQIA+, de forma a diminuir o machismo enraizado dentro desse esporte, a LGBTfobia, a misoginia e o racismo.

“[...] Um dos meus objetivos enquanto presidente é montar uma seleção brasileira para disputar o Gay Games em Taiwan, em 2022. Então pretendemos, caso conseguirmos os patrocinadores e o apoio, montar uma seleção brasileira para disputar esses jogos [...]”.

Finalizando a entrevista, Josué reforçou a importância do movimento: formação de laços de amizade e afetivos, algumas vezes incluindo matrimônio entre as pessoas por conta do futebol inclusivo, bem como combate à depressão.

6.2. PESQUISAS BIOGRÁFICAS

6.2.1. Primeiro entrevistado

Foi realizada uma entrevista biográfica no dia 8 de março de 2022, através do *whatsapp* com um homem transexual, 28 anos, estudante de administração na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e atleta do time Sport Clube T Mosqueteiros da cidade de São Paulo/SP. O entrevistado contou detalhes sobre sua experiência no esporte e lazer e também como lida com suas relações pessoais e de gênero diante de sua prática esportiva.

Conforme relatado, sua experiência com o esporte vem de criança devido a ter atletas na família: seu pai é ex-jogador profissional de futebol; seu tio já foi técnico de times de futebol; sua tia educadora física e também ex jogadora profissional de futebol.

No ano de 2020, logo no início da pandemia, começou a olhar para sua identidade de gênero e se identificar como um homem *trans*. No final de 2021,

entrou para o time de futsal T Mosqueteiros formado por homens *trans*, o qual é representado pela instituição Núcleo Resistência, cujo objetivo principal é o incentivo à prática de esporte para a comunidade LGBTQIA+, principalmente aos transexuais. O entrevistado afirmou que a dificuldade do homem *trans* ao fazer parte de um time ou clube está na aceitação, seja nos times femininos ou masculinos *cis*.

O entrevistado relatou que sempre teve vontade de jogar profissionalmente, mas que devido a fatores biológicos esse sonho não se realizou cedo. Acredita que seu pai não tenha sido proativo e dado incentivo suficiente para que pudesse iniciar sua carreira em uma modalidade esportiva.

Durante muito tempo não se sentiu pertencente aos times femininos e não sabia o real motivo desse sentimento, tinha muitas dificuldades em se entender como ser humano. Quando encontrou seu atual time, o T Mosqueteiros, sentiu-se muito realizado, afinal, é entendido e respeitado, recebendo acolhimento de todo o time. De acordo com o entrevistado, o acolhimento é uma das fases mais importantes, pois as pessoas *trans* comumente não se sentem pertencentes ou são expulsas de locais onde poderiam praticar esportes. Por fim, contou se sentir confortável no time que faz parte, pois é aceito do jeito que é e se identifica.

6.2.2. Segundo entrevistado

Homem transexual de 26 anos, Bacharel em Turismo pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), atleta do time de futebol Transmasculino MandaBuscaFC de Sorocaba/SP. Atualmente trabalha na empresa *Petlove & Co* como Analista de Treinamento e Desenvolvimento.

O entrevistado contou que sempre esteve cercado de pessoas que também gostavam de praticar esportes, seja de forma individual ou coletiva. Durante toda sua infância praticou diversos esportes: futebol, vôlei, basquete, natação, tênis e ginástica artística e sempre estava apto a estimular seu corpo a praticar esporte como forma de lazer e preenchimento do seu interior.

“A prática de esportes coletivos era muito legal, pois eu conseguia sentir uma sensação de pertencimento, independente da prática e da modalidade esportiva”, explicou o entrevistado.

Antes de se identificar como um homem transexual, as pessoas o identificavam como uma mulher lésbica devido aos estereótipos como cabelo curto e habilidade com o futebol; características que são atribuídas pela sociedade e que acabam gerando desconforto, insegurança e o afastamento do público LGBTQIA+ da prática esportiva; além dos preconceitos demonstrados verbalmente com palavras de baixo calão que a ele foram direcionadas. Porém, mesmo enfrentando essas disparidades, ele reforça que praticar esportes sempre foi uma forma de estar próximo aos seus amigos e iguais.

O entrevistado relatou ainda que ao discorrer com seus colegas de time e outros homens *trans* sobre o processo de harmonização, descobriu que não poderia fazer parte de alguns times e disputar campeonatos específicos, pois se entende que neste processo a testosterona lhe daria vantagens sobre certas pessoas ou determinados grupos que também estivessem competindo.

Atualmente o entrevistado procura praticar esportes que não sejam coletivos, menciona a natação e a musculação, dois esportes que vão além do lazer e que os pratica por amor. Por fim, contou se sentir confortável no time que faz parte, pois é aceito do jeito que se identifica, ao lado de demais pessoas que passam pelos mesmos processos que ele e que também se sentem acolhidas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

No Brasil, onde o futebol é uma identidade nacional, os campeonatos femininos e os LGBTQIA+ ainda tem pouca visibilidade. É precária a estruturação dessas modalidades no país devido à escassez de campeonatos, eventualidade das contratações dos atletas e falta de políticas privadas e públicas que incentivem os indivíduos que desejam praticar esse e outros esportes, sejam como amadores, sejam como atletas. No mundo da bola, o espaço a ser conquistado por atletas LGBTQIA+ ou mulheres é longo, porém necessário, visto que se trata de um espaço de sociabilidade e de exercício de liberdade. E quanto às outras modalidades esportivas, também são destinadas predominantemente a homens ou mulheres? Qual seria o espaço adequado para a comunidade LGBTQIA+? Em que medida deve existir esse espaço? Os indivíduos desse grupo possuem limitações físicas? Será que deveriam ser

criadas modalidades específicas a um grupo tão diferente, visto que não é aceito pela sociedade, sofre com preconceito e violência? E quanto às premiações, em dinheiro, por exemplo, por que em geral são maiores para homens se as mulheres competem sob as mesmas regras? E para a comunidade LGBTQIA+, há premiação? Se não há sequer apoio e incentivo, de onde viria o prêmio em dinheiro? Por que a mídia tende a fazer a maior cobertura dos esportes masculinos? A quais fatores podemos atribuir a menor participação feminina e LGBTQIA+ nos esportes? Como o esporte é utilizado para apresentar o poder e dominação masculina como natural e imutável? A heterossexualidade é algo fixo ou instável? Em que reside o medo da “contaminação” pelos homossexuais? Esses são alguns dos questionamentos que nós, enquanto indivíduos sociais, devemos fazer para que o combate ao preconceito de fato passe a acontecer. Este trabalho introduziu as discussões sobre esses questionamentos, contudo, não foi possível respondê-los de forma prática, uma vez que faltam braços que contribuam para minimizar os riscos e exclusão de uma classe ainda minoritária.

A relação entre turismo e esporte, tanto amador como profissional, é muito forte, com o esporte contribuindo significativamente para o turismo, uma vez que aumenta o número de visitantes em um destino turístico, como exemplo, nos países que sediam os campeonatos. No caso do “Turismo esportivo para viajantes LGBTQIA+”, há uma demanda muito interessante devido o número crescente de competições na área esportiva realizadas exclusivamente para atletas pertencentes a essa comunidade e também pelo aumento do número dos seus membros no ambiente esportivo.

Certamente este trabalho contribuiu para abrir novos espaços e perspectivas para discussões e estudos sobre o movimento LGBTQIA+ no Brasil, além do turismo e do esporte que foram os temas abordados. Que a exclusão, violência e todos os embates que essa comunidade enfrenta sejam mais “percebidos” pela sociedade, afinal, são dados e vidas reais, não uma ficção. Os objetivos de desenvolvimento sustentável, os depoimentos dos entrevistados e todos os dados levantados podem contribuir para que ações efetivas de combate ao preconceito sejam traçadas.

8. REFERÊNCIAS

ABAD, Carlos Enrique Jiménez. *Producción y Venta de Servicios Turísticos en Agencias de Viajes*. Madrid: Thomson Paraninfo, 2006.

ABEOC , Associação Brasileira de Empreendedores . *II Dimensionamento Econômico da Indústria de Eventos no Brasil*, Florianópolis: Eventos Expo Editora,40p. 2013.

ABEOC BRASIL. Dados do setor de eventos de 2019. Disponível em: <https://abeocpr.com.br/dados-do-setor-de-eventos-de-2019-abeoc-brasil/#:~:text=O%20%C3%BAltimo%20estudo%20dispon%C3%ADvel%20%E2%80%93%20Dimensionamento,%2C32%25%2C%20em%202013>. Acesso em 09 Março 2022.

ALMEIDA, M. A. B. De; GUTIERREZ, G. L. A nova dimensão esportiva: uma leitura do esporte e do lazer. *EFDeportes.com Revista Digital*, v. 12, n. 116, 2008.

ALVES, M; GALEÃO-SILVA, L. A crítica da gestão da diversidade nas organizações. *RAE-revista de administração de empresas*, v. 44, n. 3, p. 20-29, 2004.

AMARO, D. Conheça a Champions LiGay: primeiro campeonato brasileiro de futebol gay – Edição do Brasil. 2018. Disponível em: <<https://edicaodobrasil.com.br/2018/01/18/conheca-champions-ligay-primeiro-campeonato-brasileiro-de-futebol-gay/>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

ANADEP; CONDEGE. "Sofreu LGTIfobia? Procure a Defensoria Pública". Disponível em: https://www.abglt.org/_files/ugd/dcb2da_c608f15857264d7d9aae9b9b41d86c02.pdf. Acesso em: 01 abril.2022

Andrade, R. B. *Manual de eventos*. 2 ed. Caxias do Sul: Educus, 2002.

ANTRA. *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020* / Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021 136p. Disponível em:

https://www.abglt.org/_files/ugd/dcb2da_1a193a59b5cd45efbb62d0bcbf5f5a18.pdf. Acesso em: 01 abril. 2022

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: Informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6022: Informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa. Rio de Janeiro, 2003.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Referências – elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6027: Informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2012.

ASTORINO, C. M. Viajando pela terminologia de Agenciamento de Viagens e Turismo: reflexões e proposta de dicionário multilíngue. 2013. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.8.2013.tde-13112013-122704. Acesso em: 2022-02-21.

AZEVEDO, Aldo Antonio de; BRITO, Marcelo de; DAOLIO, Jocimar; SADI, Renato Sampaio; SOUZA, Adriano de; SUASSUNA, Dulce. Esporte, Política e Sociedade. 2004, v. 1. Repositório Digital. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/123456789/227>. Acesso em: 22 março. 2022

AZEVEDO, R. L. Champions LiGay: Vem aí o 1º campeonato brasileiro de futebol gay. 2017. Disponível em: <<https://www.verminososporfutebol.com.br/papo-serio/champions-ligay-vem-ai-o-1o-campeonato-brasileiro-de-futebol-gay/>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. História das Viagens e do Turismo. São Paulo: Aleph, 2005.

BARRETO, M., BURGOS, R., FRENKEL, D. Turismo, Políticas Públicas e Relações Internacionais. (1ª ed.). São Paulo: Papirus Editora, 2003.

BATISTA, Cristina Abranches Mota. Inclusão: construção na diversidade. In: Inclusão: construção na diversidade. 2004. p. 184-184.

BESSA, K. Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade. Cadernos Pagu, n. 28, p. 257–283, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000100012&lng=pt&tlng=pt>

BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. Brasília: Senado Federal, 2009. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf . Acesso em 27 de julho.2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DOS DIREITOS HUMANOS. SECRETARIA NACIONAL DE CIDADANIA. Violência LGBTQI+ no Brasil: dados da violência. 2018. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.mdh.gov.br/jspui/handle/192/447>>. Acesso em: 1 jul. 2022.

BRASILTURIS, Fórum de Turismo LGBTQI+ do Brasil define os temas para a edição 2021, 2021. Disponível em: <<https://brasilturis.com.br/forum-de-turismo-lgbt-do-brasil-define-os-temas-para-a-edicao-2021/>> Acesso em: 11 julho, 2022.

BRITTO, J.; FONTES, N. Estratégias para eventos: uma ótica do marketing e do turismo. São Paulo: Aleph, 2002.

BRUNO BOTTI ESTEVES. A trajetória do esporte moderno: dos primórdios ao fenômeno social. Efdportes.com, Revista Digital, v. 19, n. 199, 2014. Disponível em: <<https://efdeportes.com/efd199/a-trajetoria-do-esporte-moderno.htm>>. Acesso em: 1 jul. 2022.

CAMARGO, W. X. De. Gêneros em disputa: a LiGay Nacional de Futebol Society e o espaço de acontecimento. Revista Estudos Feministas, v. 29, n. 2, 2021. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2021000200411&tIng=pt>

CAMARGO, W. X. De. O armário da sexualidade no mundo esportivo. Revista Estudos Feministas, v. 26, n. 1, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2018000100705&lng=pt&tIng=pt>

CAMARGO, W. X. Esporte, cultura e política: a trajetória dos Gay Games nas práticas esportivas contemporâneas. Revista USP, n. 108, p. 97–114, 2016.

CAMARGO, W. X. Uma história diferente: os Gay (Olympic) Games e sua origem. Revista Hominum. 2014. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/34331420/GayGames_Uma_Historia_Diferente-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1650248762&Signature=BmbcrUKsofi0eyEzz2YGLXcXOX35JiO5gPzri2XUs0qE4Ob09G2Epi0nSHRRbnd-YPirLrV9pRz5M9Hd5FnsPc~Nm3cOKCPYxd9AWDR5dPMT~ApPnp7ileT8VvT0taZIUAD3cPi~7OtQiZ~8p1CCx3t~O6rraxO0aEBoMnjHdRExEBI8rOb3CCBEwZD04jZ8dXGUsdXjSqrGqoYmXYaEZJXjQGvekwQcPjG4JhLwsHp6g6Jhwck~D7gtUPLw6vTxqa~PPjUDR4ixik6fhMfiVqkE5mUFbHzHHNlqAHmyY-Kt8iGm425tqSsbprptnThD7Txh9a-ZKWvQMgqC0-Pw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 20 setembro.2021

CAMARGO, W. X., and CARMEN, S. M. R. “Competições Esportivas Mundiais LGBTQI+: Guetos Sexualizados em escala Global?” *Estudos Feministas*, vol. 19, no. 3, Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, 2011, p. 977–1003, <http://www.jstor.org/stable/24327990>.

CAMARGO, W. X.; DE MORAES RIAL, C. S. Esporte LGBT e condição pós-moderna: notas antropológicas. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, v. 10, n. 97, p. 271-289, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1984-9851.2009v10n97p271>. Acesso em 18 setembro.2021.

CAMARGO, W. X.; RIAL, C. S. M. Competições esportivas mundiais LGBT: guetos sexualizados em escala global? *Revista Estudo Feministas*, v. 19, n. 3, 2011.

CARVALHO, C. A. P. Configuração do campo da cultura no contexto da incorporação da lógica mercantil e os novos atores organizacionais. Projeto CNPq, 2003 *apud* GONÇALVES, Julio Cesar de Santana e CARVALHO, Cristina Amélia. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. *Cadernos EBAPE.BR* [online]. 2006, v. 4, n. 2

CARVALHO, C. A. P. Novas formas de estrutura e gestão: um estudo sobre as organizações do campo do desporto. Projeto CNPq, 2001 *apud* GONÇALVES, Julio Cesar de Santana e CARVALHO, Cristina Amélia. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. *Cadernos EBAPE.BR* [online]. 2006, v. 4, n. 2

CBF NEWS - o site oficial da Seleção Brasileira de Futebol. História do futebol brasileiro: o nascimento de uma paixão. Rio de Janeiro: CBF, 2004. Disponível em: http://www.cbfnews.bol.com.br/historia/hist_01.jhtm. Acesso em: 04 abril.2022

CENTERS. L; CENTERS, R. Peer group attitudes toward the amputee child. *Journal of Social Psychology*, v. 61, p. 127-132, 1963.

CNN BRASIL. Olimpíadas têm maior número de atletas LGBTQIA+, mas há barreiras para inclusão | CNN Brasil. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/olimpiadas-tem-maior-numero-de-atletas-lgbtqia-mas-ha-limites-para-inclusao/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

COHEN, E. (2001): "The sociology of tourism: approaches, issues, and findings". In APOSTOLOPOULOS, Y. *et al* (Eds.), *The sociology of tourism. Theoretical and empirical investigations*. 5.^a Ed, Routledge, London and New York, pp. 51-71.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. Interseccionalidade. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 341p. 2020.

CONCEIÇÃO, V. M. Lazer, educação física escolar e adolescência: um estudo com escolares de Ribeirão das Neves / MG. [Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à

obtenção do título de Mestre em Lazer] Vagner Miranda da Conceição – 2013. 173f., enc.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171–188, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100011&lng=pt&tlng=pt>

DACIN, M. T. The embeddedness of organizations: dialogue & directions. *Journal of Management*, v.25, n.3, p.317-356, May/June 1999 *apud* GONÇALVES, Julio Cesar de Santana e CARVALHO, Cristina Amélia. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. *Cadernos EBAPE.BR [online]*., v. 4, n. 2, 2006.

DACOSTA, L. Atlas do Esporte no Brasil. Editora Dante Gastaldoni 2004. Disponível em: <http://www.listasconfef.org.br/arquivos/atlas/atlas.pdf>. Acesso em: 11 abril.2022.

DACOSTA, L. P. Atlas do Esporte no Brasil: Atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

DANTAS, M. H. Sobreviventes! Violência contra LGBT no Nordeste brasileiro. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Pós-Graduação em Serviço Social. Natal, RN, 178p. 2020. [https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/33006/1/SobreviventesViolencia contra_Dantas_2020.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/33006/1/SobreviventesViolencia%20contra_Dantas_2020.pdf)

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, v. 17, n. 51, p. 523–536, 2012.

DEVIDE, F. P. Gênero e mulheres no esporte: história das mulheres nos jogos olímpicos modernos. 1 ed. Ijuí: UNIJUÍ, 2005.

DUMAZEDIER, J. Lazer e cultura popular. In: *Lazer e cultura popular*. 2000. p. 12. Disponível em: https://www.academia.edu/6186143/DUMAZEDIER_Lazer_e_Cultura_Popular_p_28_51_2000_1_. Acesso em 20 junho.2021.

EDWARDS, M; WATSON, A. Psychosocial aspects of cleft lip and palate. In: *Advances in the Management of Cleft Palate* New York: Churchill Livingstone, 1980.

ELIAS, N.; DUNNING, E. Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion. 2.ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1995. Disponível em: https://monoskop.org/images/9/93/Elias_Norbert_Dunning_Eric_Deporte_y_ocio_en_el_proceso_de_la_civilizaci%C3%B3n_1992.pdf. Acesso em: 02 abril 2022.

FACCHINI, R. (2005). Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. Acesso em 20 junho.2021.

FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. Cadernos AEL, 2003. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2510>. Acesso em 20 junho.2021.

FGV. A Violência LGBTQIA+ no Brasil. Clínica de Políticas de Diversidade da FGV Direito SP. 2020. Disponível em: https://www.abglt.org/_files/ugd/dcb2da_9f90e7c72b6a436bab4027ee185f5941.pdf. Acesso em: 01 abril.2022

FLEURY, M. T. L. Gerenciando a Diversidade Cultural: Experiência de Empresas Brasileiras. RAE-revista de administração de empresas, v. 40, n. 3, p. 18-25, 2000.

FOLEY, J. Effect of labeling and teacher behavior on children's attitudes. *American Journal of Mental Deficiency*, v. 83, p. 380-384, 1979.

FRANZINI, F. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, 2005.

FREDLINE, E.; JAGO, L. e DEERY. M. (2003): "The development of a generic scale to measure the social impact of events". *Event Management*. 8 (1), p.23-37.

FUNDO BRASIL. A LGTBfobia no Brasil: os números, a violência e a criminalização. 2021. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/a-lgbt-fobia-no-brasil-os-numeros-a-violencia-e-a-criminalizacao/#:~:text=O%20Fundo%20Brasil%20atua%20na,junto%20com%20as%20pessoas%20LGBTQIA%2B>. Acesso em: 01 abril.2022

FUNDO BRASIL. Significado da sigla LGBTQIA+ - Fundo Brasil. 2022. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-lgbtqia/>. Acesso em: 17 jun. 2022.

GAY GAMES. History of the gay games. Site Federation of Gay Games, participation, inclusion, personal best, 2021. Disponível em: <https://gaygames.org/History>. Acesso em 25 junho.2021

GETZ, D. Event tourism: Definition, evolution, and research. *Tourism Management*, v. 29, n. 3, p. 403–428, 2008. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0261517707001719>

Getz, D. Festivals, special events and tourism. Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold.1991.

GIGLIO, S. S. Futebol: mitos, ídolos e heróis. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. 162 f. 2007.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, 2005.

GONÇALVES, J. C. S. e CARVALHO, C. A. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. Cadernos EBAPE.BR [online]. v. 4, n. 2, p. 2-27,2006.

GONZALEZ, N. M.; PEDROSO, C. A. M. de Q. Esporte como conteúdo da Educação Física: a ação pedagógica do professor. EFDeportes.com, Revista Digital. v. 15, n. 166, 2012.

GUEDES, S. L. O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro, Niterói: EDUFF, 1998.

GUTERRES, E. Inclusão de atletas LGBT no esporte – Agência CentralSul de Notícias. 2021. Disponível em: <<http://centralsul.org/2021/inclusao-de-atletas-lgbt-no-esporte/>>. Acesso em: 1 jul. 2022.

HARRIS, M; HARRIS, R; BOCHNER, S. Fat, four-eyed, and female: stereotypes of obesity, glasses and gender. Journal of Applied Social Psychology, v. 12, p. 503-516, 1983.

HYPOLITO, Diego. Não existe vitória sem sacrifício: da depressão severa à medalha olímpica, a trajetória de superação do mais vitorioso ginasta brasileiro / Diego Hypolito em depoimento a Fernanda Thedim. São Paulo: Benvirá, 2019.

JANUÁRIO, S. B. Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação Modos de Ver: a (in)visibilidade feminina enquanto profissional do esporte 1. In: Intercom – Sociedade Brasileira De Estudos Interdisciplinares Da Comunicação, Xxxviii Congresso Brasileiro De Ciências Da Comunicação 2015, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro

JANUÁRIO, S. B. Marta em notícia: a (in)visibilidade do futebol feminino no Brasil. FuLiA / UFMG, v. 2, n. 1, p. 28–43, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/13792>>

JESUS, D. S. V. De. “Futebol é coisa para mano, mana e mona”? A LiGay Nacional de Futebol Society do Brasil. Periódicus, v. 1, n. 10, p. 327–342, 2018.

KANG, Sonia K.; KAPLAN, Sarah. Working toward gender diversity and inclusion in medicine: myths and solutions. The Lancet, v. 393, n. 10171, p. 579-586, 2019.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. (2003). Fundamentos de metodologia científica. 5. ed. São Paulo: Atlas. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1239>. Acesso em 20 junho. 2021.

LESSA, P.; VOTRE, S. Por uma política da diferença e da identidade de gênero no esporte. Revista Estudos Feministas [online], v. 15, n. 1 p. 255-258. 2007.

LIGAY. Sobre nós. Site da Ligay, 2021. Ligay Nacional de Futebol. Disponível em: <https://ligaybr.com.br/>. Acesso em: 22 junho.2021

LOPES, M. I. A. Mobilidades LGBTQIA+. Estudo de caso do aplicativo de carona Blablacar. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba

LOPES, T.B. Sobre o fazer técnico e o fazer político: a atuação do profissional de lazer no Serviço Público Municipal. Belo Horizonte (MG): Universidade Federal de Minas Gerais; 2009

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade.In: _____ (org.). O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MACCALI, N. et al. As práticas de recursos humanos para a gestão da diversidade: a inclusão de deficientes intelectuais em uma federação pública do Brasil. RAM. Revista de Administração Mackenzie, v. 16, n. 2, p. 157-187, 2015.

MAGALHÃES FILHO, P. A. O.; ALCÂNTARA, B. C. S. Do ócio ao negócio: a expansão da lógica de mercado no futebol de Pernambuco. In: Colóquio Internacional Sobre Poder Local, 9., 2003, Salvador. Anais... Salvador: Nepol/UFBA, 2003 *apud* GONÇALVES, Julio Cesar de Santana e CARVALHO, Cristina Amélia. A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências. Cadernos EBAPE.BR [online]. 2006, v. 4, n. 2

MAIA, W.; MINTO, B.; ANDRÉ, D.; HAUCH, J.; NASCIMENTO, T.; DEUS, F. De; BONFIM, M.; FIDELIS, M.; VALLADÃO, R.; V. Homofobia no futebol: questões e reflexões. EFDeportes.com Revista Digital, v. 15, n. 146, 2010.

MARSIA, J. P. "Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil". Cadernos AEL, Campinas: Unicamp, v. 10, n. 18/19, p. 129-145, 2003. Homossexualidade, sociedade, movimento e lutas.

MARTINS, C. J.; ALTMANN, H. Características do Esporte Moderno segundo Elias e Dunning. In: X Simpósio Internacional Processo Civilizador 2007, Campinas, São Paulo. Anais... Campinas, São Paulo: Unicamp, 2007.

MARUJO, M. N. Turismo e eventos culturais: a Festa da Flor na Ilha da Madeira e as motivações dos turistas. *Revista Investigaciones Turísticas*, p. 71–86, 2014.

MASIERO, C. M. MOBILIZAÇÃO DO DIREITO E ENFRENTAMENTO AO PRECONCEITO: Os movimentos feminista, negro e LGBTQ e a Constituição de 1988. *Revista de Direito Brasileira*, v. 21, n. 8, p. 84, 2019. Disponível em: <<https://www.indexlaw.org/index.php/rdb/article/view/4117>>

MELO, F. *Marketing de Eventos*. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

MENDES, W. G.; SILVA, C. M. F. P. Homicídios da População de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros (LGBT) no Brasil: uma Análise Espacial. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. v. 25, n. 5 p. 1709-1722, 2020.

MICHELS, E.; MOTT, L. *Relatório 2018: Assassinatos de LGBT no Brasil*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2019.

MINISTÉRIO DO TURISMO: Cresce a participação do Turismo no PIB nacional. 2019. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/cresce-a-participacao-do-turismo-no-pib-nacional>. Acesso em 22 fevereiro.2022

MINISTÉRIO DO TURISMO: Setor de turismo no Brasil cresce 12% em 2021 e fatura R\$ 152 bilhões. Disponível em: [https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2022/02/setor-de-turismo-no-brasil-cresce-12-em-2021-e-fatura-r-152-](https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2022/02/setor-de-turismo-no-brasil-cresce-12-em-2021-e-fatura-r-152-bilhoes#:~:text=Sendo%20um%20dos%20setores%20mais,12%25%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%202020)

[bilhoes#:~:text=Sendo%20um%20dos%20setores%20mais,12%25%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%202020](https://www.gov.br/pt-br/noticias/viagens-e-turismo/2022/02/setor-de-turismo-no-brasil-cresce-12-em-2021-e-fatura-r-152-bilhoes#:~:text=Sendo%20um%20dos%20setores%20mais,12%25%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20a%202020). Acesso em 22 junho.2022.

MORERA, Jaime Alonso Caravaca; PADILHA, Maria Itayra. Social representations of sex and gender among trans people. *Revista Brasileira de Enfermagem* [online]. v. 70, n. 6 p. 1235-1243, 2017.

MORILLO, M.; MARYSELA, C. Turismo de eventos: Alternativa de diversificación de la oferta turística del estado Mérida, Venezuela. *Actualidad Contable Faces* [Internet], v. 21, n. 37, p. 118–150, 2018.

NEIVAS, G. S.; BAPTISTA, A. C. Análise Exploratória de Dados Espaciais da Violência Contra LGBTQIA+ no Brasil. *Revista Brasileira de Cartografia*, v. 74, n. 1, p. 159–173, 2022. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/revistabrasileiracartografia/article/view/61817>>

NUNAN, A. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Caravansarai: Rio de Janeiro, 2003.

ODS BRASIL. 5: Igualdade de Gênero. 2015. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ods/ods5.html>. Acesso em: 14 abril.2022.

ODS BRASIL.16: Paz, Justiça e Instituições Eficazes. 2015. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ods/ods16.html>. Acesso em 14abril.2022.

OLIVEIRA, K. V. R. De. Planejamento e Organização de Eventos. 1 ed ed. Brasília: NT Editora, 2014.

OMT (2003): “Turismo internacional: uma perspectiva global”. Bookman, Porto Alegre.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO E CENTRO DE PESQUISA DE ECONOMIA DO TURISMO. UNWTO/GTERC Asia Tourism Trends – 2019 Edition, Executive Summary: World Tourism Organization (UNWTO), 2019. Disponível em: <<https://www.e-unwto.org/doi/book/10.18111/9789284421176>>

PANOSSO NETTO, A. Filosofia no turismo. São Paulo: Aleph, 2005.

PANROTAS. Os números do Turismo que envolvem a Copa do Mundo na Rússia. 2018. Disponível em: https://www.panrotas.com.br/mercado/pesquisas-e-estatisticas/2018/06/os-numeros-do-turismo-que-envolvem-a-copa-do-mundo-na-russia_156721.html. Acesso em: 04 abril.2022

PEARCE, P. (2002): “A relação entre residentes e turistas: Literatura sobre pesquisas e diretrizes de gestão”. In THEOBALD, W., *Turismo global*. Senac, S. Paulo pp. 145-164.

PEDUZZI, P. Setor de eventos vê sinais positivos de retomada das atividades. Agência Brasil, 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-11/setor-de-eventos-ve-sinais-positivos-de-retomada-das-atividades>> Acesso em: 12 julho, 2022.

PERONI, V. M. V.; OLIVEIRA, R. T. C.; FERNANDES, M. D. E. Estado e terceiro setor: as novas regulações entre o público e o privado na gestão da educação básica brasileira. *Educação & Sociedade* [online]. v. 30, n. 108, p. 761-778, 2009.

PLACAR. Jogos da diversidade: as estrelas gays da Olimpíada de Tóquio | Placar - O futebol sem barreiras para você. 2021. Disponível em: <<https://placar.abril.com.br/esporte/jogos-da-diversidade-as-estrelas-gays-da-olimpiada-de-toquio/>>. Acesso em: 24 jun. 2022.

QUAL É MORÉ. Diego Hypolito e uma história de superação: Ivan Moré. Entrevistado: Diego Hypolito. [S.I.] 06 nov. 2019. Podcast. Disponível em: <https://anchor.fm/qualemore/episodes/DIEGO-HIPLITO-E-UMA-HISTRIADE-SUPERAO-e8rlu6>.

RAMOS, F. A. Afirmação social, política e legislativa: anos 2000. In: Diversidade & inclusão no esporte: estudo sobre as conquistas e os desafios da comunidade LGBTQIA+ no Brasil. [s.l: s.n.]. p. 36–43.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. (2006). Metodologia da pesquisa aplicável às ciências sociais. In. BEUREN, Ilse Maria. (Org). Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade. 3.ed. São Paulo: Atlas, p.83. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320408002_COMO_ELABORAR_TRABALHOS_MONOGRAFICOS_EM_CONTABILIDADE_-_Teoria_e_Pratica. Acesso em: 20 junho.2021.

Rêgo, G. C. de B., Barros, A. G. A. L.; Lanzarini, R. Turismo de eventos e Covid-19: Aportes dos protocolos de segurança e estratégias para a retomada do setor. *Ateliê Do Turismo*, 5(1), 89-118. 2021.

RIBAS, M. D. P. M. Uma análise do desempenho do turismo brasileiro período de 2000 a 2012: potencial e perspectivas futuras. 14-Mar-2014. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/11159>. Acesso: 22 fevereiro. 2022.

RIBEIRO, G. L. A condição da transnacionalidade. In:_____. *Cultura e Política no mundo contemporâneo: paisagens e passagens*. Brasília: Ed. Universitária de Brasília, 2000. p.93-129

ROMERO, E. Estereótipos masculinos e femininos em professores de educação física. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia da USP, São Paulo, 1990.

ROTTMANN, H. G. O Imaginário do Futebol no Brasil: Interferências nos Modos de Viver, Projetos de Vida e Futuro de Jovens Adolescentes vinculados a Programas Sociais Esportivos. Atena Editora, 2021. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-ebook/3767>

RUBIO, K. *Megaeventos esportivos, legado e responsabilidade social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SANCHES, S. M.; Rubio, Kátia. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e resiliência. *Educação e Pesquisa* [online]. v. 37, n. 4 p. 825-841, 2011.

SANTOS, A. M. M. M. et al. *Esportes no Brasil: situação atual e propostas para desenvolvimento*. Rio de Janeiro: BNDES, 2004. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/conhecimento/bnset/esporte.pdf>. Acesso em: 04 abril.2022

SANTOS, M. T. *Fundamentos de turismo e hospitalidade*. Manaus: Centro de Educação Tecnológica do Amazonas, 52p. 2010.

SARAIVA, L. A. S.; IRIGARAY, H. A. R. Políticas de diversidade nas organizações: uma questão de discurso? *Revista de Administração de Empresas* [online]. v. 49, n. 3 p. 337-348, 2009.

SCOTT, R. *The making of blind men* New York: Russell Sage Foundation, 1969.
SEDGWICK, E. K. "A epistemologia do armário". *Cadernos PAGU*. Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, 2007.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP*, São Paulo, n.22, p.30-37, jun./ago. 1994. Dossiê Futebol. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26956>, Acesso em: 02 abril.2022

SILVA, A. Marchando pelo arco-íris da política: a parada do orgulho lgbt na construção da consciência coletiva dos movimentos LGBT no Brasil, Espanha e Portugal. 2006. Tese de Doutorado em Psicologia Social, Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, J. T. et al. Pilares da diversidade e inclusão em uma multinacional. *Revista de Carreiras e Pessoas*, v. 10, n. 1, 2020.

SILVA, M. C. P. et al. Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira. In: VOTRE, Sebastião José (ed). *Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos*. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

SIQUEIRA, M. V. S; ZAULI-FELLOWS, A. Diversidade e identidade gay nas organizações. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 5, 2006, Porto Alegre. *Anais*. Porto Alegre: ANPAD, 2006.

SLACK, T. Organization theory and the management of sport organizations. In: _____. *Understanding sport organizations: the application of organization theory*. United States: Human Kinetics, 1997. cap.1, p.1-16 *apud* GONÇALVES, Julio Cesar de Santana e CARVALHO, Cristina Amélia. *A mercantilização do futebol brasileiro: instrumentos, avanços e resistências*. Cadernos EBAPE.BR [online]. 2006, v. 4, n. 2

SLUSS, D; ASHFORD, B. Relational identity and identification: defining ourselves through work relationships. *Academy of Management Review*, v. 32, n. 1, p. 9-32, 2007.

TADINI, R. F. Turismo em perspectiva: o cenário e a importância do turismo no Brasil e no mundo. In: *Fundamentos do Turismo*. [s.l: s.n.]. p. 14–17, 2010.

UNIC RIO DE JANEIRO, Centro de Informações das Nações Unidas do Brasil. ONU lembra importância de profissionais que combatem tráfico de pessoas no

mondo. 2020. Disponível em: <https://unicrio.org.br/onubrasil/sg/page/3/> Acesso em: 12 julho, 2022.

WARNER, M. *The trouble with Normal: sex, politics, and ethics of queer life*. New York: Free Press; 1999.

WORLD TOURISM ORGANIZATION (UNWTO). Glossário de termos do turismo. 2022. Disponível em: <<https://www.unwto.org/glossary-tourism-terms>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

ZANETTE, Rosemary Irene Castañeda. *Dicionário terminológico bilíngue português/italiano das subáreas do Patrimônio Cultural e do Patrimônio Natural*. 2010. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Acesso em: 21 fevereiro.2022.

APÊNDICE

A - QUESTIONÁRIO APLICADO A JOSUÉ MACHADO, PRESIDENTE DA LIGAY

1. Quando tudo começou?
2. Qual foi o principal motivo da criação da Ligay?
3. Quais foram as dificuldades no início? E as atuais?
4. Quantos times fazem parte atualmente?
5. Quais são suas perspectivas com a realização dos campeonatos futuramente, principalmente com a prática do esporte, no caso FUT7?
6. Qual o perfil das empresas que apoiam as competições?
7. Como funciona a questão da afiliação, quais procedimentos uma equipe tem que realizar para se tornar uma afiliada da Ligay?
8. Em questão dos patrocinadores, o patrocínio é por meio de dinheiro, equipamentos para os campeonatos, divulgação?
9. A Ligay é formada por uma gestão? Como funciona?
10. Como se dá a relação das equipes antes, durante e depois dos campeonatos?
11. Quais grandes diferenças a com a criação dessa liga? Qual o impacto?

B - QUESTIONÁRIO APLICADO (PESQUISAS BIOGRÁFICAS)

1. Conte sua experiência com esportes e lazer.
2. Como você relaciona a sua relação pessoal e de gênero com a sua prática esportiva?